

**ESCOLA SUPERIOR DE TEOLOGIA**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA**

SUZIMAR BARBOSA SANTANA

LINGUAGEM TEATRAL E EDUCAÇÃO:  
UM ELO POSSÍVEL

São Leopoldo

2010

SUZIMAR BARBOSA SANTANA

LINGUAGEM TEATRAL E EDUCAÇÃO:  
UM ELO POSSÍVEL

Trabalho Final de  
Mestrado Profissional  
Para obtenção do grau de  
Mestre em Teologia  
Escola Superior de Teologia  
Programa de Pós-Graduação.  
Linha de Pesquisa: Educação  
Comunitária com Infância e  
Juventude

Orientador: Remí Klein

Segundo Avaliador: Euclides Redin

São Leopoldo

2010

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S232L Santana, Suzimar Barbosa  
Linguagem teatral e educação: um elo possível /  
Suzimar Barbosa Santana ; orientador Remi Klein ; co-  
orientador Euclides Redin – São Leopoldo : EST/PPG,  
2010.  
60 f.

Dissertação (mestrado) – Escola Superior de  
Teologia. Programa de Pós-Graduação. Mestrado em  
Teologia. São Leopoldo, 2010.

1. Teatro na educação. 2. Educação – Atividades  
artísticas – Dramatização. 3. Linguagem corporal. 4.  
Ensino – Metodologia. I. Klein, Remi. II. Redin,  
Euclides. III. Título.

Ficha elaborada pela Biblioteca da EST

SUZIMAR BARBOSA SANTANA

LINGUAGEM TEATRAL E EDUCAÇÃO:  
UM ELO POSSÍVEL

Trabalho Final de  
Mestrado Profissional  
Para obtenção do grau de  
Mestre em Teologia  
Escola Superior de Teologia  
Programa de Pós-Graduação.  
Linha de Pesquisa: Educação  
Comunitária com Infância e  
Juventude

Remí Klein - Doutor em Teologia - Escola Superior de Teologia

---

Euclides Redin - Doutor em Psicologia Escolar - Escola Superior de Teologia

---

## AGRADECIMENTOS

*Agradeço a Deus pela oportunidade de oferecer uma pequena contribuição, como educadora/pesquisadora, na busca de alternativas que melhorem a qualidade da Educação Infantil, tão esquecida e desvalorizada, apesar de desempenhar o relevante papel de fornecer o alicerce para a formação do cidadão do futuro;*

*Agradeço aos meus pais, em especial a minha mãe, Mercês, pela dedicação e exemplos que influenciaram consideravelmente na minha formação;*

*A André Sandes, meu companheiro e “co-orientador pessoal”, presente pacientemente em todos os momentos durante a gestação desse trabalho, assim como nas discussões a respeito da educação e sugestões na construção dos textos, sem os quais não teria esse resultado;*

*Aos colegas e amigos que fiz no Mestrado, especialmente Luciana Veiga e Jackson Santos, que compartilharam comigo não só o espaço físico, mas também as inquietações referentes à busca de uma educação de qualidade para todos;*

*Aos funcionários e professores da EST, principalmente os docentes Gisela Streck, Euclides Redin, Marga Ströher e o professor orientador Remí Klein, pelas análises tão cuidadosas, paciência e sugestões, que contribuíram para a construção desse trabalho;*

*Agradeço aos gestores, equipe de coordenação, professores e demais funcionários do Colégio Santo Antônio de Jesus, pela colaboração com dados, imagens e disponibilidade que tiveram, bem como a todos os estudantes da Educação Infantil, com os quais compartilho diariamente minhas descobertas num constante processo de aprendizagem;*

*A Ezequiel de Souza, pelo apoio técnico para a conclusão desta dissertação;*

*Por fim, agradeço a todos que acreditando ou até mesmo criando obstáculos na tentativa de me fazer desistir, foram fundamentais para me fazer acreditar que estava no caminho certo e aumentar ainda mais minha persistência.*

*“O teatro promove conhecimento capaz de mobilizar e articular todas as dimensões do corpo, facilitando assim a compreensão crítica da realidade humana, sendo importante meio de comunicação e expressão ao articular vários aspectos como audiovisuais, lingüísticos e interativos”.*

(Japiassu)

*“Feliz da criança que encontra educadores que aproveitem sua energia que borbulha, sentindo necessidades de correr, de gritar, de brincar, de jogar, de expandir-se e não as deixem prisioneiras, acorrentadas nas suas melhores horas do dia e na melhor fase da sua vida”.*

(Plutarco Almeida)

## RESUMO

A crise na educação contemporânea demonstra a necessidade de se pensar alternativas aplicáveis, aproximando a escola da vida e tornando-a, por esse motivo, mais atraente. O contexto atual exige da escola um perfil de estudantes e professores capaz de criar um ambiente favorável ao desenvolvimento das múltiplas inteligências e de despertar latentes potencialidades. O presente trabalho tem como principal objetivo contribuir para uma reflexão a respeito da importância da utilização da linguagem teatral nas atividades docentes, bem como disponibilizar os resultados para uma reflexão sobre os benefícios que o teatro pode promover no desenvolvimento integral das crianças e jovens. Para o desenvolvimento desse trabalho, optou-se, além da pesquisa bibliográfica, por observações das atividades desenvolvidas e pela análise de relatos de experiências teatrais realizadas no Colégio Santo Antônio de Jesus, nas turmas de Educação Infantil do ano de 2010. Para tanto, foram utilizados os métodos fenomenológico, que consiste em descrever a experiência tal como ela é, e o método observacional, que consiste em observar e registrar eventos relevantes relacionados com o tema da pesquisa. O resultado desse trabalho poderá ser utilizado por estudantes e profissionais de teatro, educadores que se interessam pelo tema e escolas que quiserem realizar um trabalho diferenciado, dinamizando o espaço escolar com a participação ativa dos estudantes, da família e da comunidade, que passarão a se sentir parte desse processo tão complexo que é educar. Assim, esse trabalho proporciona discussões a respeito da possibilidade de se criar um elo entre teatro e educação, e certamente servirá de estímulo para que educadores possam incorporar em seus planejamentos anuais atividades dessa natureza, ajudando na formação de crianças ativas, felizes e capazes de participar como atores principais desse grande espetáculo, que é a vida.

**Palavras-chave:** Linguagem teatral. Criança. Escola e prática educativa.

## **ABSTRACT**

The crisis in contemporary education demonstrates the need to think applicable alternatives, approximating school and life and making it, for that reason, more attractive. The current context requires from school a profile of students and teachers capable of creating a favorable environment of developing multiple intelligences and of waking up latent potentialities. The present work has as main objective to contribute for a thinking regarding the importance of the use of theatrical language in educational activities, as well as to make available the results for a reflection on the benefits that the theater can promote in children's and young's integral development. For the development of that work, we chose observations of the developed activities and the analysis of reports of theatrical experiences accomplished at Colégio Santo Antônio de Jesus, in kindergarten classes of 2010, besides the bibliographical research. For this, phenomenological methods were used, which consists of describing the experience just as it is, and the observational method, which consists of observing and registering relevant events related to the research theme. The result of that work can be used by students and theater professionals, educators that are interested in the theme and schools that want to accomplish a differentiated work, pepping the school space with the active participation of the students, the family and the community, which will feel part of such complicated process that is educating. Therefore, that work provides discussions regarding the possibility of creating a bond between theater and education, and certainly it will serve as incentive so that educators can incorporate in their annual plans such activities, helping in the formation of active happy children, which will be capable of participating as main actors in that great show, that is the life.

**Keywords:** Theatrical language. Children. School and educational practice.



## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
1 O TEATRO .....	12
1.1 História do teatro .....	14
1.2 Linguagem teatral e educação .....	16
1.2.1 Linguagem corporal .....	20
2 A CRIANÇA .....	25
2.1 A criança na história.....	27
2.2 Etapas do desenvolvimento .....	30
2.3 A criança no contexto atual .....	34
3 TEATRO E EDUCAÇÃO INFANTIL.....	37
3.1 Educação Infantil.....	37
3.2 Escola: lugar de desenvolvimento.....	42
3.3 Trabalhando com teatro .....	44
3.4 Atividades teatrais na prática cotidiana .....	47
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	53
REFERÊNCIAS .....	56

## INTRODUÇÃO

A crise na educação contemporânea demonstra a necessidade de se pensar alternativas aplicáveis, aproximando a escola da vida e tornando-a, por esse motivo, mais atraente. Durante muito tempo, escola foi sinônimo de transmissão de conhecimentos do mestre para os discípulos; estes, por sua vez, deveriam absorver os conteúdos e reproduzi-los nas provas, geralmente priorizando apenas as inteligências lógico-matemática e linguístico-verbal. Esse procedimento ajudava na formação de indivíduos com dificuldades de expressar emoções, de discutir ideias e reivindicar direitos. Enfim, formava sujeitos passivos, incapazes de agir como protagonistas na história da vida.

O modelo de educação acima citado era extremamente excludente e privilegiava uma elite que dominava o capital e o poder. Por esse motivo, tinha interesse em oferecer uma educação repressiva para manter seus privilégios que, por sua vez, desencadeava, no longo prazo, sérios problemas sociais. O tempo passou. O contexto atual exige da escola outro perfil de estudantes e professores, capazes de criar um ambiente favorável ao desenvolvimento das múltiplas inteligências e de despertar latentes potencialidades. É nesse contexto que o teatro aparece como alternativa promissora, por possibilitar o autoconhecimento, a concentração, o “aprender a ouvir e falar”, favorecendo o crescimento pessoal, além do relacionamento entre as pessoas, por meio do domínio da comunicação e do uso interativo da linguagem teatral.

Para o desenvolvimento desse trabalho, que relaciona teatro e educação, optou-se, além da pesquisa bibliográfica, por observações das atividades desenvolvidas e pela análise de relatos de experiências teatrais realizadas no Colégio Santo Antônio de Jesus (CSAJ), especialmente nas turmas de Educação Infantil do ano de 2010. Esta instituição é considerada uma escola de referência na região, devido à qualidade da educação oferecida a crianças e jovens e por incorporar atividades teatrais em seu planejamento, principalmente com a intenção de dinamizar o espaço de aprendizagem.

Esse trabalho tem como principal objetivo socializar os conhecimentos adquiridos no processo de pesquisa do Mestrado Profissional em Teologia –

Educação Comunitária com Infância e Juventude, contribuindo para uma reflexão a respeito da importância da utilização da linguagem teatral nas atividades docentes, bem como disponibilizar os resultados para educadores, coordenadores e gestores no sentido de provocar uma reflexão sobre a qualidade da educação oferecida nas instituições e sobre os benefícios que o teatro pode promover no desenvolvimento integral das crianças e jovens. Dessa forma, a pergunta que norteou esse trabalho foi: *como a linguagem teatral contribui na formação dos estudantes de educação infantil?*

Para tanto, foram utilizados os métodos fenomenológico, que consiste em descrever a experiência tal como ela é, e o método observacional, que consiste em observar e registrar eventos relevantes relacionados com o tema da pesquisa e enriquecer com relatos dos educadores que registraram, por escrito, algumas experiências, bem como a percepção que eles têm em relação à utilização da linguagem teatral para auxiliar nas atividades desenvolvidas em sala de aula. Vale salientar que a relação direta entre a pesquisadora e os educadores da escola analisada foi fundamental para uma análise mais profunda, evitando, dessa forma, distorções nos resultados obtidos.

O primeiro capítulo apresenta uma retrospectiva histórica do teatro e discute questões referentes à importância, à função e à contribuição da linguagem teatral na educação. O segundo apresenta uma discussão a respeito das etapas de desenvolvimento das crianças e de como foram vistas e tratadas ao longo da história. O terceiro trata da Educação Infantil e das atividades teatrais na prática cotidiana do Colégio Santo Antônio de Jesus.

Pesquisar a contribuição da linguagem teatral como estratégia de aprendizagem na formação de crianças e jovens é de grande relevância social porque aproxima ludicidade, arte e educação, tornando o processo de busca do conhecimento mais prazeroso. A possibilidade de trabalhar temas sociais, culturais, econômicos e políticos, dentre outros de interesse coletivo, através do teatro, faz desse trabalho uma contribuição significativa para dinamizar o ambiente educativo, tornando-o mais reflexivo e agradável, capaz de sensibilizar crianças e jovens para a busca de soluções de problemas concretos, despertando o cidadão em desenvolvimento que cada um traz consigo.

O resultado desse trabalho poderá ser utilizado por estudantes, profissionais de teatro, educadores interessados pelo tema e escolas que queiram realizar um trabalho diferenciado, dinamizando o espaço escolar com a participação ativa dos estudantes, da família e da comunidade, que passarão a se sentir parte desse processo tão complexo que é educar. Assim, esse trabalho proporciona discussões a respeito da possibilidade de se criar um elo entre teatro e educação. Certamente servirá de estímulo para que educadores possam incorporar em seus planejamentos anuais atividades dessa natureza, ajudando na formação de crianças ativas, felizes e capazes de participar como atores principais desse grande palco, que é a vida.

## 1 O TEATRO

Ao contrário do que se pensa geralmente, o teatro está mais presente na vida das pessoas e na relação entre sujeitos do que se possa imaginar. Ainda que disfarçado, é possível perceber, desde as primeiras fases de desenvolvimento da criança, brincadeiras e comportamentos ligados à arte de representar. Nesse sentido, brincando, construindo cenários, representando e imitando comportamentos, as crianças reconstróem o que observam e reelaboram a cena de um jeito particular. Para Cardoso,

[...] o espetáculo teatral é uma cerimônia, um ritual que se manifesta através do anseio humano de jogar, de envolver executores e assistentes no rito, de mantê-los cativos ao que vêem, ouvem e, principalmente, sentem. Presentes nas danças tribais, nos ofícios religiosos e nos eventos de estado, o gene dramático evidencia-se já no momento em que a criança imita o adulto ou cria uma cena em suas brincadeiras. A dramatização reflete, na forma de arte, as primeiras necessidades sociais e ritualísticas da humanidade, contribuindo simultaneamente para a totalidade da expressão individual e para a experiência coletiva.<sup>1</sup>

Por outro lado, no imaginário coletivo, o teatro está associado a espetáculos que fazem as pessoas rir, se emocionar e refletir a respeito de situações vivenciadas no cotidiano a partir de outro ângulo, ou seja, deixando de serem protagonistas da ação para serem espectadores. Dessa forma, o teatro implica na presença física de um “ator” que se apresenta para um público face a face, em tempo real.

A etimologia grega de teatro dá ao vocábulo o sentido de miradouro, lugar de onde se vê. Assim, não se pode dissociar essa palavra da ideia de visão, mesmo sabendo que ela abarca outros tantos sentidos e sensações ao passo que nos envolve através dos sons (voz de quem encena), luz e relação que estabelece com o público.

Para Almeida, muitas funções podem ser atribuídas. Isso porque “o teatro traduz a vida que o homem leva, as angústias e a esperança que ele carrega em si”.<sup>2</sup> Prosseguindo seu raciocínio, aponta as seguintes funções da arte dramática:

---

<sup>1</sup> CARDOSO, Roseane. Para ver e atuar: teatro para crianças e adolescentes. *Signos*, Lajeado, ano 20, n. 1, 1999, p. 113.

<sup>2</sup> ALMEIDA, Plutarco. *O teatro na vida e a vida no teatro*. 3. ed. São Paulo: CCJ, 1995. p. 45-46.

- 1) Função religiosa: Louvar / agradecer / suplicar o perdão, etc., dos deuses;
- 2) Função política: Fazer propaganda política deste ou daquele regime ou sistema;
- 3) Função ideológica: Colocar nas cabeças das pessoas determinadas idéias que interessam ao bem-estar das classes altas (dominantes);
- 4) Função estética: Proporcionar prazer estético, visual (o belo);
- 5) Função lúdica: Divertir pessoas;
- 6) Função libertadora: Despertar no povo a consciência dos seus direitos.<sup>3</sup>

Poderia ainda ser acrescentada outra função não mencionada aqui, a função educacional que, por sua vez, consiste em utilizar o teatro como metodologia para a sensibilização de estudantes, no que se refere à aquisição de valores essenciais à sua vida em sociedade e/ou provocar discussões acerca de temas específicos da matriz curricular ou de temas transversais, por exemplo.

Para Tatiana Belinki, a função de educar é a que merece maior destaque dentre as funções do teatro. Para ela, “educar é fornecer os instrumentos intelectuais, morais e éticos necessários à criança (e ao ser humano em geral) visando a sua integração individual, familiar e social, consciente e responsável”.<sup>4</sup> Japiassu relata que

[...] o teatro promove conhecimento capaz de mobilizar e articular todas as dimensões do corpo, facilitando assim a compreensão crítica da realidade humana, sendo importante meio de comunicação e expressão ao articular vários aspectos como audiovisuais, lingüísticos e interativos.<sup>5</sup>

Almeida afirma que “[...] não basta saber que somos *seres teatrais* ou que desenvolvêssemos artisticamente essa capacidade. Só há Teatro (arte) quando o homem toma consciência de que está imitando/disfarçando para um público”.<sup>6</sup> Dessa forma, é criada a tríade que caracteriza o teatro: ator, público e texto.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais destacam que o teatro “é, por excelência, a arte do homem exigindo a sua presença de forma completa: seu corpo, sua fala, seu gosto, manifestando a necessidade de expressão e comunicação”.<sup>7</sup> Acrescentam também que

<sup>3</sup> ALMEIDA, 1995, p. 45-46.

<sup>4</sup> BELINKI, Tatiana; GOUVEIA, Júlio. Teatro para crianças e adolescentes: a experiência no TESP. In: BELINKI, Tatiana et al. *A produção cultural para criança*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982. p. 32.

<sup>5</sup> JAPIASSU, R. *Metodologia do ensino do teatro*. 2. ed. Campinas: Papirus, 2003. p. 27.

<sup>6</sup> ALMEIDA, 1995, p. 10.

<sup>7</sup> BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais*. v. 6: Arte. Brasília: MEC/SEF, 1997. p. 83.

[...] o ato de dramatizar está potencialmente contido em cada um como uma necessidade de compreender e representar uma realidade. Ao observar uma criança em suas primeiras manifestações dramatizadas, o jogo simbólico, percebe-se a procura na organização de seu conhecimento do mundo de forma integradora. A dramatização acompanha o desenvolvimento da criança como uma manifestação espontânea, assumindo feições e funções diversas, sem perder jamais o caráter de integração e de promoção de equilíbrio entre ela e o meio ambiente. Essa atividade evolui do jogo espontâneo para o jogo de regras, do individual para o coletivo.<sup>8</sup>

Dessa forma, o teatro é, sem dúvida, um recurso importante para o desenvolvimento integral dos estudantes. Portanto, deve fazer parte das atividades pedagógicas desenvolvidas nas escolas.

### 1.1 História do teatro

O teatro não é algo recente. A arte de representar está ligada ao ser humano desde sua origem enquanto ser social. Muitas vezes, foi utilizado como meio para expressar os anseios, angústias e reivindicações das classes menos favorecidas e, em contrapartida, utilizado para alienar e/ou reprimir essa mesma classe. Japiassu afirma:

Teatro pode contextualizar social, histórica e politicamente a prática científica, concretizando episódios do mundo real e reproduzindo, com riqueza, informações em diferentes circunstâncias. A convicção de que o teatro pode contribuir para o processo educativo é antiga e pode ser constatada já na arte política de Aristóteles.<sup>9</sup>

Na Grécia, lugar onde se tem registros do começo do nosso teatro (através das procissões com encenações que louvavam e narravam a vida do deus Dionísio), o teatro conheceu grande parte do seu progresso, pois, por volta de 534 a.C., começaram a organizar concursos de peças teatrais nos gêneros da época: tragédia e comédia.

Enquanto a tragédia exaltava as virtudes e os sentimentos nobres, a comédia satirizava os excessos, a dissipação, a falsidade, o embuste, os sentimentos mesquinhos. E sendo o avesso da tragédia, não pretendia comover, mas fazer rir.<sup>10</sup>

---

<sup>8</sup> BRASIL, 1997, p. 83.

<sup>9</sup> JAPIASSU, 2003, p. 35.

<sup>10</sup> ALMEIDA, 1995, p. 5.

No entanto, Almeida afirma em sua obra que o teatro grego começa a decair no momento em que Roma passa a dominar os povos do mundo ocidental.<sup>11</sup> Mais tarde, voltaria em cena nos festivais romanos, os quais reuniam, além de lutadores e dançarinos, alguns atores e, novamente, sucumbiria dessa vez após o surgimento do cristianismo, que não os via com bons olhos, pois temia a concorrência que os espetáculos e diversões de toda espécie faziam às festividades religiosas. Assim, as atividades teatrais se resumiam a meros saltimbancos nas praças e feiras.

Por fim, a própria Igreja veio a reconhecer o quanto o teatro poderia ser útil em suas pregações, o que explica o surgimento nesse mesmo período dos “mistérios” com as passagens do Evangelho representadas à porta da igreja.

Na Idade Média, por exemplo, foi utilizada a linguagem teatral para ensinar a vida dos santos. “A Igreja encarava os sacramentos em espetáculos que se multiplicavam pela Europa e alcançaram grande popularidade. Na Renascença, período de retomada dos clássicos greco-romanos, eram reencenadas peças greco-romanas latinas”.<sup>12</sup>

Segundo Rosane Cardoso, no Oriente destaca-se, por volta de 1300, o nascimento do Nô (a mais antiga forma teatral japonesa), composto de cantos, danças, acrobacias e disputas com uma longa apresentação, na qual predomina o uso da máscara. Na China da Dinastia Ming (1368-1644), a Ópera de Pequim atraía a atenção do público e tinha como tema as lendas do país.<sup>13</sup>

Já no Ocidente, vale destacar o teatro profissional da *Commedia Dell’arte*, que, em torno de 1550, inovava permitindo a presença de mulheres no palco, pela primeira vez na história teatral da Europa, e destacando as figuras do Pierrô, a Colombina e o Polichinelo.<sup>14</sup>

No final do século XVI e início do XVII, surge no cenário europeu o maior representante da dramaturgia ocidental, William Shakespeare. Nessa época, são construídas as primeiras casas de espetáculos e as peças moralistas e religiosas cedem lugar para temas mitológicos, anedóticos ou que façam alusão a situações contemporâneas. Já no século XIX, destaca-se Victor Hugo, que deu um novo rumo

---

<sup>11</sup> ALMEIDA, 1995, p. 6.

<sup>12</sup> LOPES, T. Luz, arte, ciência... ação! *Hist. Ciência saúde*: Manguitos, Rio de Janeiro, v. 12, 2005, p. 40.

<sup>13</sup> CARDOSO, 1999, p. 115.

<sup>14</sup> CARDOSO, 1999, p. 116.



à dramaturgia, rompendo as regras fixas do gênero, mesclando inclusive tragédia e comédia. Logo após, surgiria o teatro do absurdo e a obra dialética de Bertold Brecht, o grande renovador das artes cênicas.<sup>15</sup>

No Brasil, o teatro foi introduzido com ocupação territorial da Coroa Portuguesa, sendo os jesuítas pioneiros a exercerem o domínio das artes cênicas nas terras brasileiras. O teatro foi, portanto, usado como forma de aculturação, sendo uso de catequese, educação e parte integrante do projeto colonizador lusitano.<sup>16</sup>

Vale salientar que há controvérsias no que diz respeito ao teatro brasileiro. Alguns autores defendem a ideia de que o teatro nacional só aconteceu no fim do século XVIII e início do XIX. Almeida, por exemplo, prefere adotar a ideia de que o “teatro de Anchieta não pode ser chamado autenticamente de teatro nacional, sobretudo porque as suas motivações não levaram em conta os nossos sentimentos de nacionalidade”.<sup>17</sup> Por outro lado, destaca que não desconsidera a contribuição do “Apóstolo do Brasil” que foi, sem dúvida, uma fonte de inspiração para o nosso teatro também.

Dessa forma, preferem aceitar que a expressão e a nacionalidade brasileira só iriam acontecer com as comédias de Martins Pena (1815-1848) e os dramas românticos dos poetas da abolição: Casimiro de Abreu (1806-1860), Gonçalves Dias (1823-1864), Álvares de Azevedo (1831-1852) e Castro Alves (1804-1863), além de João Caetano (1808-1863).<sup>18</sup>

Atualmente, o teatro ainda está distante de se popularizar, sendo restrito a uma pequena parcela da sociedade e negando aos demais a oportunidade de conhecer e se deleitar no encantado mundo dramático.

## 1.2 Linguagem teatral e educação

Partindo do pressuposto de que a linguagem extrapola os limites da oralidade e da escrita, muitos comportamentos das crianças podem ser avaliados como linguagens, ou seja, manifestações vivenciadas e compartilhadas com terceiros, através de um conjunto particular de atitudes, gestos e sons.

---

<sup>15</sup> CARDOSO, 1999, p. 116.

<sup>16</sup> FERREIRA, J. R.; BITTAR, M. Pluralidade Lingüística, escola de bê-á-bá e o teatro jesuítico na Brasil do séc. XVI. *Educação e sociedade*, São Paulo, v. 25, n. 86, abr. 2004, p. 29.

<sup>17</sup> ALMEIDA, 1995, p. 7.

<sup>18</sup> ALMEIDA, 1995, p. 6.

Dessa forma, a educação não deve menosprezar uma manifestação tão rica, mas, sim, incorporar atividades dessa natureza em seus planejamentos, de tal modo que possibilite o aperfeiçoamento das técnicas que já são utilizadas de um jeito particular e que, se trabalhadas, podem trazer uma contribuição significativa em vários aspectos da vida dos estudantes, não no sentido de torná-los adultos, transformando-os em fantoches, mas, sobretudo, de contribuir na formação de cidadãos capazes de agir como protagonistas na história concreta.

A contribuição do teatro para a educação já foi alvo de discussão por alguns autores. No entanto, muitos se esquecem de que, quando nos referimos ao ensino heurístico (o teatro como recurso didático valioso), devemos considerar as atividades de pantomima, recitação de coral e a própria dramatização como estratégias que o educador pode e deve utilizar para que os educados não contem apenas com o livro-texto como instrumento de aprendizagem.

Assim, também notamos que

[...] professor e ator têm muito em comum, se este depende diretamente da comunicação com o espectador em cada espetáculo, aquele depende da comunicação com o aluno-espectador para que se processe uma real e constante aprendizagem na sala de aula.<sup>19</sup>

Segundo Olga Reverbel, o objetivo do teatro na educação “é o de favorecer a auto-expressão, oferecendo meios para que, gradativamente, se desenvolvam a espontaneidade, a imaginação, a percepção, a observação e, conseqüentemente, a criatividade”.<sup>20</sup>

Isso nos remete a pensar que o teatro pode também ser introduzido em ambientes educacionais contemporâneos e contribuir no sentido de pensar o contexto vigente, compreender os problemas atuais e, por meio da arte, buscar alternativas para minimizá-los. Dessa maneira, a sensibilização e a aproximação de pessoas através do teatro podem criar um clima favorável para debates em torno de questões de interesse coletivo e trazer melhorias na qualidade de vida dos envolvidos nesse processo.

A lei nº 5.692/71, em seu artigo 7º, consagra a obrigatoriedade de Educação Artística nos currículos. Educação Artística abrange Música, Artes Plásticas

---

<sup>19</sup> REVERBEL, OLGA. *Teatro na sala de aula*. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1979. p. 5.

<sup>20</sup> REVERBEL, 1979, p. 9.

e Teatro, e tais disciplinas fazem parte da Área de Comunicação e Expressão juntamente com Língua Nacional, Línguas Estrangeiras e Educação Física.<sup>21</sup>

Infelizmente, ainda assim, o ensino das artes na educação pública brasileira é considerado, por muitos, como supérfluo, caracterizado como lazer e recreação, apenas permitido às crianças e aos jovens de maior poder aquisitivo.<sup>22</sup>

A esse respeito, Boff afirma sabiamente: “Há um descuido e um descaso pela coisa pública. Organizam-se políticas pobres para os pobres os investimentos sociais em seguridade alimentar, em saúde, em educação e em moradia são, em geral, insuficientes”.<sup>23</sup>

De fato, muitos são os obstáculos para introduzir atividades artísticas em ambientes de educação formal, sobretudo por conta dos conteúdos exigidos nas disciplinas básicas que devem ser cumpridos no ano letivo e pela falta de recursos, incentivos e espaço nas instituições públicas. Em contrapartida, quando pensada e planejada antecipadamente, a arte, incluindo o teatro, pode proporcionar aos estudantes um enriquecimento cultural, uma vez que cria condições para o desenvolvimento de outras habilidades indispensáveis para a formação de sujeitos capazes de participar ativamente da sociedade.

A escola pública também pode ser um grande palco de apresentações e de desenvolvimento de atividades teatrais, visando aproximar a comunidade e reduzir a evasão, a repetência e o baixo nível de rendimento, uma vez que se torna um espaço mais acolhedor e atraente.

Porém, muitos céticos ainda preferem ver essa possibilidade como algo utópico, considerando apenas as dificuldades que encontram no percurso como a falta de recurso, espaço e apoio. A utopia possui também um lado desconhecido por alguns que é de mobilizar movimentos, criar ideologias e alimentar o imaginário. Como constata Boff, ao afirmar que

[...] o ser humano e a sociedade não podem viver sonhos sem uma utopia. Quer dizer, não podem deixar de projetar seus melhores nem desistir de

---

<sup>21</sup> REVERBEL, 1979, p. 5.

<sup>22</sup> JAPIASSU, 2003, p. 39.

<sup>23</sup> BOFF, Leonardo. *Saber cuidar: ética do humano: compaixão pela terra*. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 19.

buscá-los dia após dia. Se não houvesse utopias, imperariam os interesses menores.<sup>24</sup>

Witt parece concordar com essa ideia quando afirma:

Nesse sentido propomos pensar a esperança e a solidariedade no contexto da educação, entendendo o espaço educativo como um dos lugares de construção de projetos de mudança. A busca por alternativas visa oferecer resistência contra a era do descartável, do imediato e contribuir na formação de pessoas mais construtivas e menos produtivas e consumistas.<sup>25</sup>

O olhar pedagógico é a compreensão do teatro como sistema de representação dos signos, como forma de expressão artística e linguagem acessível a todo ser humano independente de idade, classe social e escolaridade. Através de seu importante meio de comunicação e expressão, o teatro passou a ser reconhecido como forma de conhecimento, tornando-se útil na compreensão crítica da realidade humana.<sup>26</sup>

Essa compreensão crítica da realidade e a iniciativa de encarar os problemas de frente, agindo como protagonistas, podem ser vistas como trampolim para a formação do cidadão que se liberta progressivamente da situação de oprimido e busca a autonomia própria e da comunidade da qual faz parte. Afinal,

A libertação dos oprimidos deverá provir deles mesmos, na medida em que se conscientizam da injustiça de sua situação, se organizam entre si e começam com práticas que visam transformar estruturalmente as relações sociais iníquas.<sup>27</sup>

O teatro é essencialmente humano, todo mundo faz teatro, mesmo que inconscientemente. Dessa forma, basta o ser humano aparecer que entra em cena o teatro porque em qualquer relação estarão presentes a sensibilidade, a emoção, a expressão, a sensação e a reação. Assim,

[...] a atitude de sentir com cuidado deve transformar-se em cultura e demanda um processo pedagógico para além da escola formal que

<sup>24</sup> BOFF, 2002, p. 81.

<sup>25</sup> WITT, Maria Dirlane. Esperança e solidariedade: a educação em tempos de globalização. In: SCHULTZ, Valdemar (Org.). *Esperança e solidariedade: propostas educacionais na atuação de Jesus*. São Leopoldo: DEC, 2004. p. 17.

<sup>26</sup> JAPIASSU, 2003, p. 40.

<sup>27</sup> BOFF, 2002, p. 141.

atravessa as instituições e faz surgir um novo estado de consciência e de conexão com a Terra e com tudo o que nela existe e vive.<sup>28</sup>

Boff defende que a indiferença é a “morte” do amor e do cuidado. Portanto, o grande desafio é combinar trabalho como cuidado. Eles não se opõem, mas se compõem.<sup>29</sup>

Dessa forma, o teatro, quando introduzido nos planos e estratégias dos educadores, pode ser uma via para se despertar sentimentos e valores fundamentais para a sustentação das boas relações entre as pessoas que estão convivendo diariamente na escola, bem como na família e na comunidade em que estão inseridos. Segundo os PCNs,

[...] dramatizar não é somente uma realização de necessidade individual na interação simbólica com a realidade, proporcionando condições para um crescimento pessoal, mas uma atividade coletiva em que a expressão individual é acolhida. Ao participar de atividades teatrais, o indivíduo tem a oportunidade de se desenvolver dentro de um determinado grupo social de maneira responsável, legitimando os seus direitos dentro desse contexto, estabelecendo relações entre o individual e o coletivo, aprendendo a ouvir, a acolher e a ordenar opiniões, respeitando as diferentes manifestações, com a finalidade de organizar a expressão de um grupo.<sup>30</sup>

Por esse motivo, é importante introduzir nas escolas projetos e atividades que proporcionem o desenvolvimento da linguagem teatral como um todo.

### *1.2.1 Linguagem corporal*

As escolas, geralmente, para dar conta dos conteúdos da matriz curricular, disponibilizam poucos momentos para se trabalhar com o corpo. Essa tarefa fica a cargo, única e exclusivamente, dos professores de Educação Física, quando deveria ser um compromisso coletivo pela importância prática na vida dos estudantes, especialmente crianças que necessitam desenvolver habilidades como noção de espaço e psicomotricidade, além de extravasar suas emoções e associar a escola a experiências de prazer.

Segundo Assmann, “precisamos reintroduzir na escola o princípio de que toda a morfogênese do conhecimento tem algo a ver com a experiência do prazer.

---

<sup>28</sup> BOFF, 2002, p. 117.

<sup>29</sup> BOFF, 2002, p. 97.

<sup>30</sup> BRASIL, 1997, p. 83.

Quando esta dimensão está ausente, a aprendizagem vira um processo meramente instrucional”.<sup>31</sup>

A atividade séria demais é cansativa e monótona. Educar é ajudar alguém a se conscientizar e a se libertar. Brincar é se libertar. É descobrir na pintura, no desenho, na composição com bugigangas, no teatro, no afeto, no trabalho, a própria vida. Brincar é uma arte para todas as idades.<sup>32</sup>

Para Rubem Alves,

[...] os técnicos em educação desenvolveram métodos de avaliar a aprendizagem e, baseados em seus resultados, classificam os alunos. Mas ninguém jamais pensou em avaliar a alegria dos estudantes – mesmo porque não há métodos objetivos para tal. Porque a alegria é uma condição interior, uma experiência de riqueza e liberdade de pensamentos e sentimentos. A educação, fascinada pelo conhecimento do mundo, esqueceu-se de que sua vocação é despertar o potencial único e adormecido em cada estudante.<sup>33</sup>

É nesse contexto que se enquadra a linguagem corporal. Atividades lúdicas que proporcionam risos, contatos, demonstrações de confiança e afetividade também são muito importantes para o desenvolvimento integral das crianças. Parafraseando Rubem Alves, “o corpo é o lugar fantástico onde mora, adormecido, um universo inteiro”.<sup>34</sup>

Para Labam, “o corpo é o instrumento através do qual o homem se comunica e se expressa”.<sup>35</sup> E a escola deve proporcionar dinâmicas, atividades com músicas e sons, brincadeiras e outros momentos de contato e interação para que essa expressão aconteça verdadeiramente, convidando os estudantes a participar ativamente, superando dificuldades e manifestando suas emoções e ideias através da linguagem corporal.

Segundo Catão, “só é humanamente vivenciado o que se exprime corporalmente, numa emoção, gesto, grito, palavra ou suspiro”.<sup>36</sup> Nessas situações,

<sup>31</sup> ASSMANN, Hugo. *Reencantar a educação: rumo à sociedade aprendente*. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2001. p. 29.

<sup>32</sup> COELHO, Maria Josefina Rodrigues; SANTOS, Manoel de Souza. *Comunidade criativa: fazer brincando*. São Paulo: Paulinas, 1988. p. 141.

<sup>33</sup> ALVES, Rubem. *A alegria de ensinar*. 7. ed. Campinas: Papyrus, 2000. p. 18-19.

<sup>34</sup> ALVES, 2000, p. 53.

<sup>35</sup> LABAM, Rudolf. *Domínio do movimento*. São Paulo: Summus, 1978. p. 232.

<sup>36</sup> CATÃO, Francisco. A religião e o rito. *Diálogo: Mitos e celebrações no contexto da vida*, ano 5, n. 18, maio 2000, p. 6.

as emoções afloram e os contatos entre os membros de um grupo ficam mais estreitos e sólidos.

Por outro lado, há uma certa exposição dos envolvidos com atividades teatrais, e essa exposição dificulta o envolvimento de algumas pessoas nas tarefas sugeridas, o que não deve ser um empecilho para realização daquilo que foi planejado. Larrosa adverte que o sujeito da experiência é um sujeito *ex-posto*.<sup>37</sup> Porém, essa exposição é necessária para o desprendimento temporário da realidade e o envolvimento integral na experiência.

O desafio é justamente criar alternativas para incluir as pessoas que apresentam tais dificuldades, uma vez que elas são as que mais precisam ser trabalhadas, estimuladas e encorajadas para que possam superar problemas como a timidez, a insegurança e o nervosismo. Atividades teatrais, por exemplo, podem ser uma grande oportunidade de fazê-las participar e interagir. À medida que participam, conseguem interpretar personagens de forma mais espontânea e se sentir capaz de superar novos desafios.

Ao se referir à sociedade aprendente, Gadotti afirma que,

[...] para o professor ter êxito, precisa ter clareza sobre o que é conhecer, como se conhece, o que conhecer, porque conhecer, mas um dos segredos do chamado bom professor é trabalhar com prazer, gostando do que se faz. A gente faz sempre bem o que gosta de fazer.<sup>38</sup>

Parafraseando Ponick, “deixemos que uma pitada de desordem movimente nosso fazer educativo. Mais que saudável a cada ser humano, ela é vital e constitutiva de tudo o que está se movimentando no universo”.<sup>39</sup> O improviso, o riso, a brincadeira, a bagunça, o caos cria uma atmosfera favorável ao desenvolvimento.

Morin, tratando dos sete saberes necessários à educação do futuro, adverte que o desenvolvimento da inteligência e da afetividade é indissociável. Ele ainda acrescenta que a faculdade de raciocinar pode ser diminuída e até destruída pelo

---

<sup>37</sup> LARROSA, Jorge. *Linguagem e educação depois de Babel*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. p. 161.

<sup>38</sup> GADOTTI, Moacir. *Boniteza de um sonho: ensinar-e-aprender com sentido*. Novo Hamburgo: Feevale, 2003.

<sup>39</sup> PONICK, Edson. *Experiências formativas: contribuições da Semana de Criatividade para a formação de educadores*. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Programa de Pós-Graduação em Teologia, Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 2007. p. 31

déficit de emoção. Para ele, o conhecimento tanto pode ser asfixiado pela afetividade quanto pode fortalecê-lo também.<sup>40</sup>

Assmann parece concordar com Morin nesse sentido, quando destaca que o conhecimento humano é mais que operação mental porque toda ativação da inteligência está relacionada com emoções.<sup>41</sup> Dessa forma, o que é experienciado através das emoções não é esquecido, sobretudo porque é prático e prazeroso, e o que é prático e prazeroso estará sempre guardado no inconsciente. Segundo Tatigiba,

[...] no processo de construção para o desenvolvimento grupal Will Schutz identifica três dimensões de necessidades interpessoais: a inclusão, o controle e a abertura. Durante a vida do grupo, o ciclo dessas fases pode repetir-se várias vezes. O autor afirma que a inclusão de cada membro é necessária, pois precisa sentir-se aceito, integrado e valorizado, que é importante o facilitador (professor), através de recursos técnicos aplicados, como a brincadeira, favoreça o aluno para que a inclusão seja satisfatória. Na fase do controle é que ocorre a integração, o conflito, a competição, a liderança, a cooperação, a tomada de decisão e a negociação. Depois de viver essa integração, passa-se para a fase de abertura, onde aparecem as emoções e os sentimentos. Nesta fase o professor deve fazer a troca, a manifestação de sentimentos, levando o grupo a um movimento coletivo das necessidades interpessoais.<sup>42</sup>

Vale salientar também que o educador deve estar atento e cuidadoso para que essas iniciativas tenham resultados satisfatórios, especialmente em relação às particularidades de cada membro do grupo que está sob sua responsabilidade. Cada indivíduo aprende de um jeito e em um ritmo. Portanto, ter sensibilidade para compreender essa dinâmica faz toda a diferença nas práticas pedagógicas. Nesse sentido, Cunha e Cintra afirmam:

A linguagem que o professor utiliza é um meio pedagógico importante para estabelecer uma boa comunicação com a criança, mas também é fundamental ter paciência, capacidade de escutar, estabelecer estratégias e evitar a busca de resultados imediatos, que muitas vezes são apenas aparentes. Trabalhar nesse sentido é respeitar o ritmo que cada criança segue e, antes de mais nada, entender que o processo de desenvolvimento

---

<sup>40</sup> MORIN, Edgard. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 2000, p. 20.

<sup>41</sup> ASSMANN, 1999, p. 39.

<sup>42</sup> TATIGIBA, Maria Carmem. *Vivendo e aprendendo com grupos: uma metodologia construtivista de dinâmica de grupo*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001. p. 31-60.



não é processo linear, e sim extremamente complexo, diretamente relacionado com sua história profunda e com o contexto sócio-cultural.<sup>43</sup>

A esse respeito, Ponick afirma acertadamente que, ao

[...] trazer a reflexão do movimento corporal para o contexto atual da educação, há dois extremos a serem evitados: o da repressão do corpo, de seus movimentos e da sua linguagem – característica da modernidade ocidental, dentro e fora do âmbito religioso – e o da exaltação do corpo, de seus movimentos e de suas linguagens – tão presentes no século XXI.<sup>44</sup>

Esse é um dos motivos para se trazer reflexões dessa natureza para dentro dos ambientes escolares, de modo que não haja tabus para se falar do corpo nem tampouco esquecer do corpo e das emoções em detrimento da razão e da lógica.

O teatro deve fazer parte do universo das escolas desde as séries iniciais, de modo que nas séries mais adiantadas estejam dominando bem seu corpo, “tornando-o expressivo, um maior desempenho na verbalização, uma melhor capacidade de responder às situações emergentes e uma maior capacidade de organização e domínio do tempo”.<sup>45</sup>

---

<sup>43</sup> CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985. p. 110.

<sup>44</sup> PONICK, 2007, p. 24.

<sup>45</sup> BRASIL, 1997, p. 86.

## 2 A CRIANÇA

Para se referir à criança, é importante recorrer à linguagem poética e encantadora de Rubem Alves que expressa, como nenhum outro autor, o quão fantástica é essa fase do desenvolvimento humano. Para ele, “as crianças são seres oníricos, seus pensamentos têm asas. Sonham sonhos de alegria. Querem brincar”.<sup>46</sup>

Paulo Nunes de Almeida afirma:

A criança desde os primeiros anos de idade passa a representar simbolicamente várias situações: brincar de boneca, correr com o cavalo de pau, motorista de automóveis etc. Essas brincadeiras, além de desenvolverem o seu instinto natural, servem também para representar simbolicamente uma realidade que ainda não pode alcançar. Sob esse ponto de vista, o jogo simbólico se explica pela assimilação do real ao *eu*.<sup>47</sup>

As brincadeiras fazem parte da natureza infantil e a escola não deve negligenciar esse direito da criança, caso contrário, não será nada atrativa, correndo o risco até de criar uma aversão às atividades mecânicas e rotinas fechadas das salas de aula.

Cruz e Porto afirmam que existem basicamente três posicionamentos sobre a prática lúdica em sala de aula: um tradicional, que nem estimula e nem admite brincadeiras; outro que defende o brinquedo como recurso didático e, finalmente, um terceiro, que defende que a ludicidade deve estar presente na educação das crianças.<sup>48</sup>

Na sociedade contemporânea, as crianças começam a frequentar ambientes de educação formal muito cedo, especialmente por conta do cotidiano agitado dos responsáveis que encontram na escola um lugar de apoio para educar seus filhos. Por esse motivo, as instituições que acolhem essas crianças devem ter sensibilidade para não romper drasticamente com as gostosuras que fazem dessa fase a mais mágica da vida dos pequenos estudantes.

---

<sup>46</sup> ALVES, 2000, p. 42.

<sup>47</sup> ALMEIDA, Paulo Nunes de. *Dinâmica lúdica: técnicas e jogos pedagógicos*. São Leopoldo: Loyola, 1974. p. 27.

<sup>48</sup> PORTO, Bernadete de Souza; CRUZ, Sílvia Helena Vieira. Uma pirueta, duas piruetas... Bravo! Bravo! A importância do brinquedo na educação das crianças e de seus professores. In: CRUZ, Sílvia Vieira; PETRALANDA, Mônica (Orgs.). *Linguagem e educação da criança*. Fortaleza: UFC, 2004. p. 223.

Para Rubem Alves, o normal para os adultos é ver as crianças como “aquelas que precisam ser ensinadas, seres inacabados que, à semelhança de Pinóquio, só se tornam pessoas de carne e osso depois de serem submetidos às nossas armadilhas pedagógicas”.<sup>49</sup>

Essa concepção equivocada de infância traz consequências desastrosas, uma vez que deforma a criança e retrocede na história quando elas eram vistas como “adultos em miniaturas” e que deveriam ser educadas para se encaixar nos padrões que os adultos julgavam mais adequados.

Nesse sentido, vale destacar a contribuição de McLuhan, citado por Paulo Nunes de Almeida:

É errôneo pensar que exista uma diferença entre ‘educação’ e ‘diversão’. É o mesmo que estabelecer distinção entre ‘poesia didática’ e ‘poesia lírica’, sob fundamento de que uma ensina e outra diverte. Contudo, nunca deixou de ser verdadeiro que aquilo que agrada ensina de forma muito mais eficaz.<sup>50</sup>

Ainda no livro *Dinâmica lúdica: técnicas e jogos pedagógicos*, Paulo Nunes de Almeida ressalta:

Froebel, discípulo de Pestalozzi, estabelece que a pedagogia deve considerar a criança como atividade criadora e despertar, mediante estímulos, as suas faculdades próprias para a criação produtiva. Na verdade, com Froebel se fortalecem os métodos lúdicos na educação. O grande educador faz do jogo uma arte, um admirável instrumento para promover a educação para as crianças. A educação mais eficiente é aquela que proporciona atividades, auto-expressão e participação social às crianças.<sup>51</sup>

Assim, podemos destacar que a porta de acesso ao mundo interior das crianças é a brincadeira. Para Ponick,

O brincar ingênuo, desprezioso e afetivo nutre a vida em qualquer tempo e lugar. Ele é o caminho para o riso leve e solto; ele é parte integrante do humor amoroso, igualmente vital para o ser humano. O brincar nos aproxima, quebrando barreiras hierárquicas presentes onde pessoas estão reunidas. Ele faz renascer a criança tantas vezes esquecida e abandonada pelo desumano mundo adulto no qual crescemos. O brincar nos leva às praças da cidade para convivência baseada na cooperação, no cuidado e no amor.<sup>52</sup>

---

<sup>49</sup> ALVES. 2000, p. 63.

<sup>50</sup> ALMEIDA, 1974, p. 29.

<sup>51</sup> ALMEIDA, 1974, p. 18-19.

<sup>52</sup> PONICK, 2007, p. 71.

Almeida caminha no mesmo sentido:

Portanto, feliz da criança que encontra educadores que aproveitem sua energia que borbulha, sentindo necessidades de correr, de gritar, de brincar, de jogar, de expandir-se e não às deixe prisioneiras, acorrentadas nas suas melhores horas do dia e na melhor fase da sua vida.<sup>53</sup>

Dessa forma, além das potencialidades intelectuais, estarão também desenvolvendo e cuidando para manter a saúde física e mental, através de atividades prazerosas de recreação, aprendendo com a experiência e no contato direto com os colegas de classe, com quem passarão grande parte do tempo.

Nesse contexto, as atividades teatrais podem ser introduzidas, uma vez que, segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais,

[...] a criança, ao começar a freqüentar a escola, possui a capacidade da teatralidade como um potencial e como uma prática espontânea vivenciada nos jogos de faz-de-conta. Cabe a escola está atenta ao desenvolvimento no jogo dramatizado, oferecendo condições para o exercício consciente e eficaz, para a aquisição e ordenação progressiva da linguagem dramática. Deve tornar consciente as suas possibilidades, sem a perda da espontaneidade lúdica e criativa que é característica da criança ao ingressar na escola.<sup>54</sup>

Um grande desafio que se apresenta na contemporaneidade é justamente fazer da escola um espaço de prazer e aprendizagem que as crianças sintam alegria em frequentar.

## 2.1 A criança na história

As crianças sempre existiram independentemente do tratamento dado pelos adultos. Para Remí Klein, a ideia de criança, como a concebemos hoje, é uma invenção da modernidade. Segundo ele, “na Antiguidade e Idade Média, não havia um autêntico sentido de infância, ou seja, uma consciência da particularidade infantil. O próprio termo latino vem de *in-fans*, que significa sem fala”.<sup>55</sup>

Se recordarmos a história da literatura infantil, por exemplo, podemos perceber claramente que apenas recentemente a criança passa a ser considerada um ser diferente do adulto. Philippe Ariès afirma que somente no século XVIII a

<sup>53</sup> ALMEIDA, 1974, p. 22.

<sup>54</sup> BRASIL, 1997, p. 84.

<sup>55</sup> KLEIN, Remí. Criança. In: BORTOLLETO FILHO, Fernando; SOUZA, José Carlos de; KILPP, Nelson (Orgs.). *Dicionário Brasileiro de Teologia*. São Paulo: ASTE, 2008. p. 214.

criança passou a ter um olhar diferenciado do adulto uma vez que, até então, era percebida como um adulto em miniatura.<sup>56</sup>

A descoberta da infância começou sem dúvida no século XVIII, e sua evolução pode ser acompanhada na história da arte e na iconografia dos séculos XV e XVI. Mas os sinais de seu desenvolvimento tornaram-se particularmente numerosos e significativos a partir do fim do século XVI e durante o século XVII.<sup>57</sup>

É importante ressaltar que há controvérsias, como em muitos fatos históricos. Alguns historiadores apontam para iniciativas diferenciadas. No entanto, apenas recentemente as crianças vêm tendo um olhar diferenciado por parte dos adultos, dos educadores, da família e da própria sociedade de modo geral.

Retomando ao mundo infantil e sua relação com o lúdico, qual criança que não se rende ao escutar aquele “Era uma vez...”? Ou não se envolve de corpo e alma em uma dinâmica ou atividade que a convida a se levantar da cadeira para se movimentar? Qual a criança que não se encanta e se entrega no momento em que é convidada a assistir a uma peça de teatro? Qual criança não se enche de expectativa quando as cortinas de um teatro são abertas? Ou que não enche os olhos de brilho com o teatro de bonecos ou fantoches coloridos?

Certamente todas elas. No entanto, são poucas as que têm oportunidade de se deleitar no mundo da fantasia que o teatro pode proporcionar, inclusive nas escolas, que quase nunca utilizam essa metodologia para provocar sensações, despertar valores morais e introduzir conteúdos das disciplinas da matriz curricular de forma mais lúdica.

As apresentações teatrais costumam ser envolventes e, por esse motivo, a arte de representar perpassa épocas e fronteiras conseguindo prender a atenção até das mais distraídas pessoas, sejam elas crianças, adultos ou idosos.

Tais apresentações falam diretamente às crianças sem intermediação da razão ou de explicações, conselhos e sermões. Falando claramente ao inconsciente infantil, elas auxiliam na organização de seus esquemas mentais e as ajudam a trabalhar seus conflitos internos e encontrar caminhos naquele momento específico em que estão vivendo.

---

<sup>56</sup> ARIÈS, Philippe. *História social da criança e da família*. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981. p. 65.

<sup>57</sup> ARIÈS, 1981, p. 65.

Para Avani Sandes, tal como na Literatura Infantil, à medida que se identificam com os personagens, as crianças se projetam, têm oportunidade de crescer como heróis, através de suas lutas e conquistas, aproximação do perigo e até da morte, durante as experiências de combate.<sup>58</sup>

Dessa forma, compreende que tomando a decisão mais apropriada ao se deparar com um problema, também vencerá exatamente como os heróis das histórias. Desenvolvendo a autoconfiança, a criança se sentirá capaz de resolver seus conflitos internos.

As apresentações fazem aflorar sentimentos e emoções, transmitem lições, desenvolvem valores morais e contribuem significativamente para o despertar de hábitos e comportamentos saudáveis.

Essa possibilidade é muito relevante no universo infantil, feito de descobertas e testes, a partir dos quais eles estão se formando enquanto pessoas e buscando referências para tomar como exemplo.

Vale salientar também a importância do equilíbrio entre as apresentações com contos de fadas, duendes e princesas, para não afastar a criança do mundo real, e histórias realistas, para não torná-la alheia a seu universo interior.

O contato com o mundo interior das crianças pode ser uma via de acesso à compreensão de seu comportamento e reações no cotidiano. Portanto, devem ser objeto de estudo de educadores e coordenadores que trabalham com Educação Infantil, de modo que possam ajudá-los a se encontrar na escola e na própria sociedade da qual fazem parte.

O teatro também pode ser utilizado para fins didáticos, à medida que os educadores se apropriam desse recurso para trabalhar os conteúdos de forma lúdica e introduzir alguns conceitos essenciais nas disciplinas da matriz curricular, fazendo-os pensar a respeito de muitas questões importantes para uma vida mais saudável e plena.

---

<sup>58</sup> SANDES, Avani B. *Contos de fadas: olhar psicopedagógico sobre o encaminhamento de soluções dos conflitos internos da criança*. Monografia (Conclusão de Curso) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2001. p. 15.

## 2.2 Etapas do desenvolvimento

O desenvolvimento humano é marcado por etapas e fases que, embora não sejam aplicadas a todos igualmente, são bastante perceptíveis.<sup>59</sup> Muitos foram os pensadores que observaram e se dedicaram aos estudos nesse campo de conhecimento, debruçando-se sobre suas pesquisas que influenciaram gerações e ainda hoje são de grande relevância a todos aqueles que trabalham com crianças e jovens.

Biddulph afirma acertadamente que convivendo com meninos é possível perceber claramente que eles não crescem todos de maneira suave e uniforme. Portanto, não basta apenas dar cereais à vontade, camiseta limpa todo dia, para vê-los uma certa manhã acordarem homens feitos como em um passe de mágica.

É importante entender que são muitos e variados os fatores que influenciam no destino das crianças e dos jovens. A esse respeito, Portinho defende que

[...] a infância é constituída de uma sucessão de períodos, cada um com suas particularidades. O crescimento é um fenômeno contínuo, cada etapa prepara para a seguinte, da qual é separada, frequentemente por limites pouco nítidos. É também um processo global, que não deve dissociar-se do desenvolvimento dos sentidos, da motricidade, da afetividade e da inteligência.<sup>60</sup>

Nesse capítulo, serão tratadas algumas contribuições relevantes para enriquecer a temática aqui proposta, que está relacionada com a utilização das artes, mais especificamente do teatro, nas atividades pedagógicas desenvolvidas nas escolas.

Segundo Vygotsky, o processo de desenvolvimento do pensamento e das funções cognitivas do ser humano e igualmente, o processo de construção do conhecimento acontece a partir do contexto histórico e social, ou seja, do conjunto de fenômenos que ocorrem nas vidas dos sujeitos. O ser humano constitui-se enquanto tal na sua relação com o outro social.<sup>61</sup>

Partindo desse pressuposto, não podemos desconsiderar a influência do meio para o desenvolvimento das crianças, que têm como referencial os adultos

---

<sup>59</sup> BIDDULPH, Steve. *Criando meninos: porque os meninos são diferentes?* São Paulo: Fundamento Educacional, 2002. p. 8.

<sup>60</sup> PORTINHO, Márcia. *Despertar para desenvolver: a relação entre o desenvolvimento psicomotor da criança de 0 a 6 anos e a aprendizagem.* Lauro de Freitas: Envelope & Cia, 2000. p. 27-28.

<sup>61</sup> TAILLE, Yves de La; OLIVEIRA, Marta Kohl de; DANTAS, Heloysa. *Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão.* São Paulo: Summus, 1992. p. 24.

com que se relacionam diariamente. Partindo desse pressuposto, cabe aos adultos repensarem sua conduta para serem exemplos positivos, acompanhá-las com atenção e cuidado, bem como criar condições para que os pequenos encontrem um ambiente favorável para a aprendizagem de valores morais que servirão por toda vida.

Vale ressaltar que esses referenciais são muito importantes. No entanto, as experiências no convívio social com outras crianças da mesma idade, dentro ou fora de ambientes escolares, são também de grande relevância para o seu desenvolvimento.

Nessa abordagem, as crianças ao interagirem em qualquer meio ou com outros parceiros, aprendem pela própria interação e imitação. A implicação pedagógica decorrente dessa idéia é a de que a forma como organizamos o espaço interfere significativamente nas aprendizagens infantis. Isto é, quanto mais esse espaço for desafiador e promover atividades conjuntas entre parceiros, quanto mais permitir que as crianças se descentrem da figura do adulto, mais fortemente se constituirá como propulsor de novas e significativas aprendizagens.<sup>62</sup>

Para Bossa e Oliveira, o principal nos dois primeiros anos de vida é a organização do corpo no meio, a consciência de si como sujeito das próprias ações sensório-motoras, num contexto significativo.<sup>63</sup> As autoras acrescentam:

A brincadeira simbólica dos 2 aos 4 anos se desenvolve incrivelmente, tanto em organização quanto em dramatização. A criança revive situações que lhe foram significativas, como ela as viu ou como gostaria que tivesse acontecido. Aprende ao brincar a vivenciar e a diferenciar a realidade da fantasia, o eu do outro e a ressignificar a realidade conforme sua capacidade de assimilá-la. Em toda representação há um nível de simbolismo consciente para quem o cria e um inconsciente. Piaget denomina de simbolismo primário a representação consciente, e de secundário a inconsciente. Por exemplo, ao fazer de conta que uma vareta é um carrinho, e movimentá-la pelo chão imitando o barulho do motor, a criança está consciente da que está imitando um carrinho, mas pode estar representando também, embora não o perceba, uma fantasia inconsciente.<sup>64</sup>

Elas continuam seu raciocínio em relação a esse tema escrevendo:

---

<sup>62</sup> HORN, Maria da Graça Souza. A construção do espaço e as diferentes linguagens. In. REDIN, Euclides; REDIN, Marita Martins; MULLER, Fernanda (Orgs.). *Infâncias: cidades e escolas amigas das crianças*. Porto Alegre: Mediação, 2007. p. 102-103.

<sup>63</sup> BOSSA, Nádía A.; OLIVEIRA, Vera Barros de (Orgs.) *Avaliação psicopedagógica da criança de zero a seis anos*. Petrópolis: Vozes, 1994. p. 25.

<sup>64</sup> BOSSA; OLIVEIRA, 1994, p. 31.



A brincadeira simbólica de 2 a 4 anos apresenta as características do pensamento mágico pré-conceitual dessa idade. A criança dá vida aos objetos (animismo), atribui-lhes sensações e emoções, conversa com eles. É uma brincadeira predominantemente solitária, na qual ela vive os diferentes papéis. Quanto mais a criança se aproxima dos quatro anos, mais complexas ficam as dramatizações. Pouco a pouco ensaia um simbolismo coletivo, tentando manter uma cena em conjunto com outras crianças. Isso vai exigir dela muito esforço de descentralização, de aceitar o que a outra criança quer, para poder continuar a brincar. Começa assim a viver o drama de ter que ceder para poder conviver. Em geral, crianças mais velhas introduzem de forma lúdica e natural esse ingresso no social, organizando e liderando brincadeiras em conjunto. O convívio com crianças de diversas idades é fundamental para o desenvolvimento cognitivo e afetivo-emocional. A brincadeira simbólica após os quatro anos adquire características progressivamente sociais e produz lentamente a brincadeiras de regras, onde o combinado deve ser respeitado, o que vai se esboçando pouco a pouco, ao chegar perto do período operatório.<sup>65</sup>

As crianças estão sempre representando, ainda que sem se dar conta disso, e os educadores, familiares e todos aqueles que convivem com elas devem compreender como funciona esse processo e estimulá-las para que possam se desenvolver de forma saudável.

Bossa e Oliveira distinguem bem a evolução da brincadeira simbólica nas crianças, quando apresentam as particularidades de cada fase desse processo de manifestações simbólicas:

1. Emergência das primeiras manifestações simbólicas, através das brincadeiras simbólicas ou jogo dramático, dentro de um contexto predominantemente funcional e cíclico sensorio motor (Fase VI, P.S.M. – 1,5 a 2 anos);
  - O corpo funciona ainda como marco físico do eu. A brincadeira simbólica se organiza a volta do corpo, principalmente na região entre pernas, próxima à região genital;
2. Aparecimento de pequenos 'plateaux' lúdicos simbólicos que algumas vezes conseguem se reunir num maior (2 a 3 anos);
  - A criança não tem mais necessidade de um marco físico para se organizar (não organiza mais a brincadeira à sua volta);
  - As lembranças vêm de mais longe e cada vez maiores, e se manifestam mais sob forma de representação lúdica;
  - As verbalizações se fazem principalmente em relação ao eixo presente ou ao passado próximo e mantêm-se presas ao real. O imaginado ainda não adquiriu voz própria, a boneca ainda não fala o que quer ou do que tem medo.
3. Formação de grandes cenas dramáticas (3 a 5 anos);
  - Os personagens são cada vez mais uma recriação do sujeito do que uma reprodução (maior diferenciação significante-significado);
  - A verbalização se transporta cada vez mais à situação imaginada. A criança fala do representado e os personagens adquirem fala, com voz, timbre, entonação e ritmo próprios;
  - A memória combina de forma ordenada diversos momentos do passado;

<sup>65</sup> BOSSA; OLIVEIRA, 1994, p. 32-33.

- Os contextos representados tornam-se cada vez mais vivos e dramáticos, com a emergência de profundos esquemas afetivos;
  - As situações são revividas de forma cada vez mais original e ativa, a criança usando sua imaginação para assimilar o que não compreendeu no passado.
4. O simbolismo coletivo e a reaproximação da realidade objetiva, agora em nível mais abstrato (4 a 6 anos);
    - As características mágicas e anímicas decrescem com a capacidade da criança de ver a realidade de forma menos subjetiva e mais objetiva;
    - Aparece a brincadeira simbólica coletiva, várias crianças encenando uma situação. A fase anterior, a vivência pela criança de vários papéis, lhe possibilitou compreender melhor o outro e brincar com ele. [...] O conviver supõe a consciência da relação eu - outro. Dentro de uma ótica epistemológica piagetiana também, pois o ser humano é visto como um sistema aberto, ou seja, aquele que só sobrevive de forma adaptada, se tiver consciência de que precisa estar constantemente em interação com o meio.
  5. Aparecem os primeiros sinais da brincadeira de regras. Acredito que já na brincadeira simbólica coletiva haja necessidade implícita da obediência às regras da encenação. O símbolo, assim, facilita em todos os sentidos a passagem ao social.<sup>66</sup>

Para Costa,

[...] o jogo simbólico compreende a brincadeira infantil, que consiste em dar vida a um personagem fictício através de uma encenação improvisada. Diferentemente das outras brincadeiras infantis, neste o aspecto definidor é o trabalho espontâneo de elaboração simbólica do contexto situacional onde se desenrola a cena, seus personagens e o tema.<sup>67</sup>

Voltando à questão da importância de se trabalhar o corpo e os sentidos, que, por sua vez, podem e devem ser estimulados com atividades lúdicas, incluindo o teatro, Oaklander acrescenta que, quando a criança se desliga de seu próprio corpo, perde o senso de si própria, além da força física e emocional.<sup>68</sup> Por esse motivo, é fundamental ajudá-la a readquirir, conhecer e usar seu corpo, sentindo-se à vontade nele. Essa mesma autora defende que,

[...] nos jogos dramáticos criativos, as crianças podem aumentar a autoconsciência que possuem. Podem desenvolver uma consciência total de si própria – do corpo, da imaginação, dos sentidos. O drama torna-se um instrumento natural para ajudá-las a encontrar e dar expressão a partes ocultas e perdidas de si mesma, e com isso desenvolver força e identidade. Nos jogos dramáticos criativos, as crianças são chamadas a experienciar o mundo à sua volta, bem como suas próprias formas de ser. No sentido de interpretar o mundo à sua volta e transmitir idéias, ações, sentimentos e

<sup>66</sup> BOSSA; OLIVEIRA, 1994, p. 34-36.

<sup>67</sup> COSTA, Maria da Fátima Vasconcelos. Jogo simbólico, discurso e escola: uma leitura dialógica do lúdico. CRUZ, Sílvia Helena Vieira; PETRALANDA, Mônica (Orgs.). *Linguagem e educação da criança*. Fortaleza: UFC, 2004. p. 234.

<sup>68</sup> OAKLANDER, Violet. *Descobrendo crianças: a abordagem gestáltica com crianças e adolescentes*. São Paulo: Summus, 1980. p. 66.

expressões, elas mobilizam todos os recursos que podem reunir dentro de si: visão, audição, paladar, tato, olfato, expressão facial, movimento corporal, fantasia, imaginação, intelecto.<sup>69</sup>

A educação, entendida no sentido amplo, ou seja, de desenvolvimento integral do ser humano em suas múltiplas dimensões, deve associar às questões teóricas da matriz curricular atividades e mecanismos que trabalhem todos os órgãos dos sentidos. Isso é importante desde as primeiras fases de suas vidas para que possam progressivamente evoluir.

O teatro é um recurso que pode contribuir bastante nesse sentido, além de não haver idade pré-determinada para apresentá-lo às crianças, como já foi discutido anteriormente. Para Cardoso,

[...] em qualquer idade pode se dramatizar, tendo em vista que a dramatização faz parte da vida do indivíduo. O professor, ciente das fases da criança, saberá que ao iniciar o ciclo básico, é importante para ela vivenciar a socialização através de atividades em que o companheirismo seja fundamental para execução de tarefas. Por volta dos sete anos, período em que a imaginação prescinde de criticidade ou verossimilhança, ela não se preocupa com nada que extrapole o seu dia a dia, situação que se modifica aos nove anos, aproximadamente, quando o que diz através do teatro precisa fazer mais sentido para ela.<sup>70</sup>

Aprender a viver em grupo, interagindo com companheiros de classe e com as demais pessoas que fazem parte de seu universo social é indispensável para a construção de uma teia de relações saudáveis, extremamente importantes bem como necessárias para se viver bem e feliz.

Atualmente, muitas crianças têm apresentado dificuldades de se relacionar com os outros. Isto pode ser explicado devido ao advento da vida moderna, que perpassa os jogos eletrônicos e uma rotina cada vez mais individualista e distante do meio social. Portanto, essa é uma questão que deve fazer parte das preocupações dos adultos, se eles quiserem construir uma geração menos egocêntrica e insensível aos problemas coletivos.

### **2.3 A criança no contexto atual**

Por muitos anos, as crianças foram percebidas como adultos imperfeitos ou incompletos, devendo ser educadas, estimuladas e preparadas para a vida adulta.

---

<sup>69</sup> OAKLANDER, 1980, p. 61.

<sup>70</sup> CARDOSO, 1999, p. 126.

Criança não é adulto pequeno. No entanto, na cultura ocidental predomina essa visão mercadológica. Isso pode ser percebido nitidamente quando se pergunta a uma criança: O que você quer ser quando crescer? Espera-se sempre uma resposta como médico, advogado ou qualquer profissão, de preferência que seja bem remunerada ou que traga *status* na sociedade.

Esse tipo de pergunta demonstra a percepção de infância mais comum, elas não são (nada), apenas passarão a ser (alguém) quando ingressarem no mercado de trabalho, começarem a produzir, ganhar dinheiro e consumir.

Como seria a reação de um adulto que fizesse tal questionamento e recebesse uma resposta afirmando: Quando crescer quero ser feliz ou, melhor, continuar sendo?

As crianças já são alguém. São pessoas especiais e precisam de muito carinho e atenção. Precisam curtir essa fase, que é a mais gostosa da vida, com liberdade e menos obrigações, para que na fase adulta vivam com mais plenitude.

Uma maior atenção à particularidade da criança e da infância coincide com o surgimento e o desenvolvimento da pedagogia e das outras ciências humanas e sociais, especialmente a partir de Comenius, considerado o pai da pedagogia, com a publicação da sua obra *Didática Magna* em 1657. Também a legislação em favor do direito da criança, especialmente a partir de meados do século passado, vem contribuindo para assegurar às crianças os seus direitos fundamentais.<sup>71</sup>

A dinâmica social contemporânea é fortemente influenciada pelo desenvolvimento técnico e científico, sobretudo os meios de comunicação de massa e os recursos disponíveis para entretenimento.

As crianças nascidas nesse contexto começam a conviver com essas novidades desde muito cedo, e o ritmo acelerado do cotidiano das famílias “modernas” dificulta o despertar de relações afetivas sólidas, uma vez que o acompanhamento das crianças, por parte da família, é precocemente transferido para ambientes educacionais. Como afirma Remí Klein, retornando ao passado podemos perceber que o povo de Israel educava narrando a sua história.<sup>72</sup> As

---

<sup>71</sup> KLEIN, 2008, p. 214.

<sup>72</sup> KLEIN, Remí. *A narração de histórias bíblicas na perspectiva da criança: fundamentos e modelos narrativos*. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Programa de Pós-Graduação em Teologia, Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 1996. p. 63.

parábolas eram o principal método de ensino de Jesus, privilegiando a palavra e o gesto em sua pedagogia.

Nas comunidades pré-industriais, a interação entre indivíduos, de diferentes faixas etárias, era mais frequente e os momentos de reunião para contar, ouvir histórias e causos proporcionavam o desenvolvimento de relações afetivas entre seus membros, através do diálogo entre familiares, vizinhos e amigos.

Em contrapartida, esses momentos foram sendo substituídos gradativamente pela televisão, computador e jogos eletrônicos. Os meios de comunicação de massa ditam regras, padrões, modas e comportamentos que influenciam fortemente a vida das pessoas, deformando-as enquanto cidadãos, geralmente sem se darem conta.

As crianças são as grandes vítimas desse fenômeno. As escolas, por sua vez, encontram muita dificuldade para suprir essas lacunas e ajudar a despertar potencialidades e equilíbrio emocional nos pequenos estudantes que demonstram rejeição, insegurança, carência, baixa auto-estima, dentre outros problemas comuns no universo infantil.

O teatro aparece nesse cenário como um recurso importante nesse processo educativo, uma vez que proporciona às crianças um momento singular de encontro consigo, com seus medos, frustrações, traumas, anseios e desejos mais profundos, de modo que tenham a possibilidade de se descobrir à medida que se identificam com os personagens. Para tanto, as crianças devem ser estimuladas por educadores, familiares e a sociedade como um todo, de modo que possam proporcionar oportunidades para esse tipo de arte, apresentando ambientes favoráveis ao desenvolvimento pleno e integral.

Minimizar os impactos dessa crise de valores morais que enfrenta a sociedade contemporânea e construir um mundo mais sustentável, justo e feliz requer um novo olhar para as crianças, porque são elas as herdeiras desse planeta, tomando as decisões do amanhã.

No capítulo a seguir, será discutida a relação entre o teatro e a Educação Infantil, apresentando os resultados das observações e dos relatos apresentados pelos professores de Educação Infantil do Colégio Santo Antônio de Jesus.

## 3 TEATRO E EDUCAÇÃO INFANTIL

### 3.1 Educação Infantil

A educação das crianças deve ser pensada e planejada com muito cuidado, de modo que as faça entrar em contato gradativamente com o conhecimento adquirido pela humanidade ao longo da história, sem comprometer a fase mais gostosa de suas vidas, sobrecarregando-as com tarefas e atividades escolares. Segundo Boff,

[...] o cuidado somente surge quando a existência de alguém tem importância para mim. Passo então a dedicar-me a ele; disponho-me a participar de seu destino, de suas buscas, de seus sofrimentos e de seus sucessos, enfim, de sua vida.<sup>73</sup>

Partindo desse pressuposto, a possibilidade de trabalhar com educação sem amor, materializada nas expressões de cuidado, é impraticável, uma vez que é uma tarefa que exige um contato direto entre os envolvidos, pois eles precisam se entender e estabelecer uma relação saudável para viabilizar qualquer iniciativa de aprendizagem.

O que faz a escola um lugar tão especial é justamente essa relação cotidiana entre as pessoas, principalmente nos primeiros anos escolares. Ela pode tanto criar nos pequenos estudantes uma aversão a esse espaço quanto desenvolver um sentimento de prazer e, conseqüentemente, um desejo de frequentar, interagir e descobrir um mundo fantástico escondido nas velas do saber.

Perceber a educação por esse ângulo é estar ciente de que as crianças não podem ser julgadas e avaliadas pela ótica dos adultos. Suas particularidades devem ser compreendidas e respeitadas de modo que encontrem, já nos primeiros contatos com a escola, um ambiente democrático e fundamentado no diálogo.

Dessa forma, o educando, ainda que criança pequena, deve participar ativamente do processo de construção de sua própria educação, uma vez que ele não é objeto passivo. No livro *Crianças como sujeito*, Bucher comenta:

Toda vez que nos confrontarmos com uma pessoa de comportamento estranho, seja por contato direto, seja através da mídia, será pouco provável que não surja a pergunta: Como terá sido educada? Insinua-se com isso

---

<sup>73</sup> BOFF, 2002, p. 91.

que o ser humano é – Kant o afirmava – nada mais do que a educação fez dele. A mesma suposição implicitamente admite que a criança é um ser plástico (maleável), um objeto comparado à cera mole em que o meio de um modo geral e a educação em especial imprimem o seu selo.<sup>74</sup>

Outra pergunta que cabe em situações dessa natureza, além da educação que lhe foi proporcionada, está relacionada aos referenciais que lhe foram apresentados e a que o adulto avaliado optou em seguir.

Em relação à crítica referente à associação de uma criança a um objeto passivo, concordo com a autora por entender que, apesar do modelo de educação apresentado influenciar diretamente na sua formação, existem possibilidades de seguirem suas próprias ideias e se transformarem em adultos diferentes das expectativas dos educadores.

Participando ativamente da educação que lhes é oferecida, as crianças, além de terem como referência pessoas dispostas ao diálogo e à construção coletiva, desenvolvem autonomia, autoconfiança e a capacidade de tomar decisões.

Em contrapartida, uma educação autoritária deforma o ser humano ou o transforma em marionete para ser manipulado passivamente pelos proprietários dos meios de produção e pelos detentores do poder, dentre outros sujeitos, que têm interesse no modelo de educação conteudista, dissociada da realidade concreta e descomprometida com a formação integral das crianças e jovens.

A esse respeito, Bucher comenta:

A criança é ativa, criativa. Em suma, é sujeito. A extensa pesquisa feita através da psicologia do desenvolvimento tem demonstrado, de forma convincente, que a criança percebe as coisas à sua maneira e reconstrói sua própria cosmovisão.<sup>75</sup>

Acrescenta ainda:

Uma coisa pode ser dita com razão superlativa: Quem vê nas crianças primariamente objetos ou recipientes vazios, que somente podem ser enchidos por adultos, quem as consideram meros educandos, tem contra si por inteiro toda a nova pesquisa sobre as crianças: “Bebês são mais inteligentes”. Outrossim, precisamente as crianças pequenas exercem sobre

---

<sup>74</sup> BUCHER, Aton. Crianças como sujeito. *Concilium*, Petrópolis, n. 2, 1996, p. 58.

<sup>75</sup> BUCHER, 1996, p. 61.

o comportamento dos adultos, em especial dos pais, influencia comparativamente maior do que estas regras possam conceber.<sup>76</sup>

Este parágrafo nos faz recordar a educação bancária criticada sabiamente por Paulo Freire. Ainda que em contextos e faixas etárias diferentes, nenhum processo educativo deve negligenciar a capacidade do outro de raciocinar e de construir sua própria história. Ao modo delas, as crianças participam ativamente da relação com outros indivíduos. Os educadores devem estar cientes disso para que possam contribuir para desenvolver sem inibir esse potencial ativo próprio de toda criança.

Como únicos seres racionais entre os animais, os seres humanos aprendem com sua história e com o conhecimento acumulado ao longo do tempo, “transmitindo-os” para as crianças e os jovens, bem como às futuras gerações. Conhecer e valorizar os conhecimentos trazidos dos contextos familiares e sociais das crianças pode ser uma importante via de acesso ao outro universo que elas trazem consigo e que é, muitas vezes, ignorado nas salas de aula. É importante ressaltar que não é apenas na escola que se aprende. Portanto, devemos estar atentos aos ensinamentos que nos são apresentados e até nas atividades mais simples do cotidiano.

Levantar questionamentos e provocar reflexões acerca das situações trazidas para a escola é interessante e proveitoso para o amadurecimento pessoal dos estudantes.

Quantas vezes ouvimos as pessoas dizerem que há males que vêm para bem? A sabedoria popular também tem muito a nos ensinar. Geralmente esse ditado está relacionado a situações desagradáveis que passamos para aprender alguma lição. Pois é, a vida é cheia de labirintos, charadas e lições.<sup>77</sup>

Peukert também trata em seus textos sobre essa necessidade de oportunizar às crianças a participação ativa na sociedade.

[...] no suceder-se das gerações, importa que as formas de vida elaboradas historicamente sejam transmitidas e oportunizadas, aqueles conhecimentos

---

<sup>76</sup> BUCHER, 1996, p. 65.

<sup>77</sup> SANDES, André B. *Semeando com sabedoria: o futuro depende de nós*. Santo Antônio de Jesus: Artset, 2009. p. 25.



e habilidades práticas que permitam à jovem geração tornar-se apta para agir numa determinada sociedade e cultura.<sup>78</sup>

Continua seu raciocínio declarando:

Torna-se cada vez mais evidente que as condições sobre as quais as crianças crescem e se desenvolvem são determinadas não somente pelas atitudes isoladas de cada indivíduo, mas muito mais profunda e duradouramente pelas decisões políticas e econômicas da convivência em comum dos homens. As transformações que estão em andamento afetam os fundamentos da própria sociedade e modificam, conseqüentemente, também os pressupostos da educação em seu cerne.<sup>79</sup>

A educação muda com o tempo para atender às necessidades da época, seja para transformar, seja para manter a estrutura social tal como ela é. Portanto, é possível concluir que a educação é, sobretudo, um instrumento político que pode ajudar a alienar e deformar um ser humano ou despertar o cidadão, cujo senso crítico permite participar como protagonista da sociedade de que faz parte.

Essa transformação também influencia no modelo contemporâneo de família, pois é preciso a adaptação a uma nova dinâmica. Nesse contexto, as crianças jamais devem ficar em segundo plano; devem sim receber o carinho e a atenção dos pais para que encontrem um ambiente adequado para se desenvolver, ou seja, devem participar das decisões no seio da família.

Assim, a criança jamais deve ser considerada um objeto e os adultos devem considerar seu ponto de vista de modo a construir uma relação de respeito e amizade, fundamentada no diálogo permanente, único capaz de aproximar as pessoas.

É importante ressaltar que a formação das crianças não acontece apenas de fora, ou seja, por intermédio dos adultos. Elas, entre si, encontram formas de se entender, conviver e construir a própria vida. Dessa forma, a escola tem um papel de grande importância, de modo que pode observá-las e orientá-las para melhor ajudar nesse processo.

O grupo infantil é o espaço onde as crianças se submetem a processos formativos e educativos dos quais emerge uma identidade orientada para a justiça, a confiança e a solidariedade, e uma competência para agir de modo humano, e tudo isso não como uma tarefa imposta de fora, mas como

---

<sup>78</sup> PEUKERT, Úrsula. Solidariedade intergeracional. *Concilium*, Petrópolis, n. 2, 1996, p. 94.

<sup>79</sup> PEUKERT, 1996, p. 95.

algo que provém da necessidade interna de construir a própria vida com e sobre os outros homens.<sup>80</sup>

Mette, tratando do diálogo integrante das relações entre crianças e responsáveis, afirma que elas demonstram uma capacidade de envolver a si próprias e aos adultos em perguntas que nada têm de “infantis”, e às quais, por isso, não podemos nos esquivar sem mais nem menos.<sup>81</sup>

A criança, de um modo geral, tem uma capacidade nata de formular perguntas intrigantes. Portanto, ela deve ser escutada, estimulada e encorajada a buscar respostas. Dessa forma, por ser ativa, tem a necessidade de se comunicar e de interagir com os outros, à medida que cria e dá sentido à sua vida.

Através de seus questionamentos, a criança frequentemente também leva os adultos a pensarem sua existência, as situações cotidianas e as coisas que estão à sua volta. Assim, podemos concluir que ela aprende ensinando e ensina aprendendo, como afirmava Paulo Freire, reforçando que o ato de ensinar e aprender não estão dissociados.<sup>82</sup>

Portanto, a educação de crianças deve fazer parte das preocupações dos adultos para encontrar as melhores alternativas. Nesse processo, o teatro, como já foi mencionado anteriormente, pode contribuir significativamente como possibilidade de superação da dependência e da carência das crianças, uma vez que proporciona sutilmente um contato consigo e, conseqüentemente, uma reformulação das escalas de valores, contribuindo para a consolidação da autonomia necessária para a vida em sociedade.

Nesse contexto, a escola, como espaço de educação formal, tem muito a contribuir nesse processo, uma vez que proporciona o encontro diário de muitas crianças que ficam temporariamente sob a responsabilidade dos educadores. A seguir, será discutida a perspectiva da escola como lugar de desenvolvimento integral do ser humano.

---

<sup>80</sup> PEUKERT, 1996, p. 103-104.

<sup>81</sup> METTE, Norbert. Aprendendo a viver e aprendendo a crer com as crianças. *Concilium*, Petrópolis, n. 2, 1996, p. 121.

<sup>82</sup> FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996. p. 28.

### 3.2 Escola: lugar de desenvolvimento

Muitos educadores vêm se questionando sobre qual a contribuição da escola e das disciplinas oferecidas na matriz curricular para a formação do cidadão capaz de pensar, entender, criticar, criar, transformar, sugerir e, principalmente, comprometer-se na construção de um mundo melhor, mais justo e feliz para todos.

As escolas têm muito a contribuir nesse sentido, porque podem ser percebidas como o berçário dos profissionais que trabalharão nos diversos segmentos amanhã e, se bem encaminhados, desenvolverão potencialidades, valores e virtudes indispensáveis para mudar o destino da humanidade e salvaguardar a biodiversidade do planeta Terra.

Não se trata, evidentemente, apenas de algumas intervenções pedagógicas, e, sim, comprometer-se, junto com a criança, na construção de um mundo em comum. Isto requer a capacidade de tomar a sério e em consideração outra característica de ser da criança, a de construir a realidade, e de poder considerar e examinar a própria compreensão da realidade do ponto de vista dela.<sup>83</sup>

Sem dúvida, o maior desafio da sociedade contemporânea é transcender essa crise profunda, proveniente do estrangulamento dos valores morais, e contribuir nesse processo de tomada de consciência coletiva. Nesse contexto, as crianças devem estar incluídas ativamente, uma vez que elas serão os adultos do futuro. Esse realmente é um grande desafio que deve fazer parte do pensar individual e coletivo, para que juntos possamos buscar alternativas para minimizar as disparidades sociais e também encontrar uma nova forma de ser e estar no planeta.

Escola é um espaço privilegiado de apropriação e construção do conhecimento, desenvolvimento de potencialidades, socialização e convivência, de reflexão sobre a vida e as consequências de nossas ações no mundo. Sua importância não pode ser desconsiderada. No entanto, deve estar em sintonia com a família, igreja, organizações, bem como toda a sociedade, para oferecer carinho, cuidado e esperança a todas as crianças.

Para Boff, o que se opõe ao descuido e ao descaso é o cuidado. Cuidar é mais que um ato; é uma atitude. Portanto, abrange mais que um momento de

---

<sup>83</sup> PEUKERT, 1996, p. 101-102.

atenção, de zelo e de desvelo. Representa uma atitude de ocupação, preocupação, responsabilização e envolvimento afetivo com o outro.<sup>84</sup>

Nessa “co-existência e com-vivência”, nessa navegação e nesse jogo de relações, o ser humano vai construindo seu próprio ser, sua autoconsciência e sua própria identidade.<sup>85</sup> Assim, vai se formando enquanto ser pensante e percebendo ser possível construir uma outra história.

São grandes os desafios da sociedade contemporânea. Isso porque o que está em jogo é o destino da própria humanidade. Dessa forma, a educação deve ser um compromisso coletivo, uma vez que sem ela não será possível conquistar autonomia, e a possibilidade de mudança estará nas mãos de pessoas que pouco se preocupam e se interessam com a mudança, porque estão em uma situação muito confortável.

A escola pode ser “fábrica de robôs” para trabalhar como escravos para os proprietários dos meios de produção ou pode ser um lugar de desenvolvimento de potencialidades, de despertar cidadãos, de convivência com as diferenças, de apropriação de conhecimento, de sonhos coletivos e de mudança de atitude em relação às desigualdades e injustiças atuais.

É nesse contexto que defendemos o encontro das crianças com o teatro, como trampolim para a reflexão sobre problemas concretos, bem como suas possíveis soluções. Desse modo, contribuiremos para o desenvolvimento de uma geração mais humana e sensível aos problemas coletivos. Assim, poderemos reverter o atual quadro de desigualdade social.

Sabemos que uma sociedade que não cuida de suas crianças e seus jovens (todas eles e não apenas uma minoria privilegiada) está condenada ao fracasso.<sup>86</sup> Proporcionar às crianças um contato mais intenso com os membros da família e com seu universo interior, através de atividades lúdicas, como o teatro, deve estar entre as prioridades, sobretudo na escola, considerando que é um recurso indispensável à prática pedagógica, justamente por proporcionar o equilíbrio emocional necessário para o desenvolvimento integral dos jovens estudantes.

---

<sup>84</sup> BOFF, 2002, p. 33.

<sup>85</sup> BOFF, 2002, p. 92.

<sup>86</sup> SANDES, André B. *Cada dia sua magia*. Santo Antônio de Jesus: União, 2008. p. 13.

Essa possibilidade de desenvolvimento integral das crianças e dos jovens torna a escola um lugar privilegiado de construção dos alicerces necessários para a formação de adultos responsáveis e de uma geração mais consciente e capaz de ver as coisas com mais profundidade, de se indignar diante das mazelas sociais e injustiças e de agir na sociedade de forma consciente.

Dessa forma, o teatro pode exercer uma função de construção da identidade do sujeito, uma vez que busca nas representações um significado para sua existência, ampliando essa significação no cotidiano e despertando o cidadão em potência que traz consigo e que o torna capaz de atuar como protagonista da história concreta.

### **3.3 Trabalhando com teatro**

Trabalhar com teatro em escolas pode ser uma atividade que proporciona, além de prazer, condições para a superação da timidez, através do desenvolvimento da oralidade, expressão corporal, espontaneidade, autenticidade, criatividade, sensibilidade, afetividade, entre outras questões necessárias para a vida em sociedade.

Para ilustrar esse capítulo, serão apresentados os resultados das observações e dos relatos das experiências teatrais realizadas no Colégio Santo Antônio de Jesus (CSAJ), especialmente nas turmas de Educação Infantil no primeiro semestre do ano corrente. A referida instituição está localizada na cidade de Santo Antônio de Jesus, Recôncavo Sul da Bahia, e é considerada uma escola de referência na região, devido à qualidade da educação oferecida a crianças e adolescentes.

A história do Colégio Santo Antônio se confunde com a história da cidade que leva o mesmo nome. Isso porque foi fundado na década de 1940, quando chegaram por aqui as Irmãs Madre Maria do Rosário e Trindade Vaz, a fim de construir uma casa de Formação da Congregação das Irmãs Mercedárias na Bahia. Associado a isso, elas tiveram o apoio e a contribuição do então prefeito da época, Sr. Antônio Fraga, para a construção de uma escola, já que essa era a maior carência da cidade naquele momento.

Fundado em 1947, o colégio, inicialmente, recebeu o nome de Escola Nossa Senhora das Mercês. Com o crescimento e a ampliação do seu espaço físico, passou a se chamar Colégio Santo Antônio de Jesus e, desde então, tem contribuído gradativamente para o desenvolvimento da cidade e para a educação formal e religiosa dos jovens que por lá passaram.

O Colégio Santo Antônio de Jesus é uma escola de grande porte da rede privada de ensino, que atende estudantes desde a Educação Infantil até o Ensino Médio. Na Educação Infantil, foram matriculados 236 estudantes em 2010, distribuídos em 10 salas de aula no turno matutino, orientados por um educador e um ajudante em cada sala (exceto nas turmas do 1º ano do Ensino Fundamental), além da participação contínua de coordenadores, orientador pedagógico e psicólogo, que estão à disposição no Colégio para oferecer o suporte necessário para o bom andamento das atividades planejadas.

Dos 10 educadores que lecionam na Educação Infantil, todos são majoritariamente pedagogos e/ou licenciados, já têm experiência profissional com crianças e foram criteriosamente selecionados para exercer as atividades propostas pelo Colégio, com qualidade.

Esse Colégio foi escolhido, dentre outros motivos, pelo trabalho interessante desenvolvido pelos professores e coordenadores que, sempre que possível, introduzem atividades de caráter teatral no fazer pedagógico cotidiano com as crianças e também pelo contato direto da pesquisadora, educadora na instituição, fato que possibilitou uma visualização mais profunda de como essas atividades são desenvolvidas, bem como dos resultados alcançados.

É importante salientar que, durante o período de escolha do colégio a ser pesquisado, foram realizadas inúmeras visitas a fim de conhecer a forma de trabalho e a utilização das artes cênicas em outras instituições.

Assim, foi constatado que, embora algumas escolas possuam grupos específicos para o trabalho e o desenvolvimento do teatro, essa prática era efetuada no turno oposto às aulas e de forma voluntária, ou seja, apenas para aqueles que demonstrassem interesse pelas aulas (geralmente os alunos menos inibidos que não tinham nenhuma dificuldade de expressão); restringiam as apresentações para

o encerramento semestral, não sendo suficiente para o desenvolvimento pleno da expressividade bem como da oralidade.

Dessa forma, o Colégio Santo Antônio foi o único que apresentou uma prática mais condizente com o que foi sugerido no corpo do trabalho, ou seja, a incorporação das atividades representativas no cotidiano dos estudantes, favorecendo assim a sua formação de maneira contínua.

Para tanto, foram utilizados o método fenomenológico, que consiste em descrever a experiência tal como ela é, e o método observacional, que consiste em observar e registrar eventos relevantes relacionados com o tema da pesquisa e enriquecer com relatos dos educadores que registraram, por escritos, algumas experiências, bem como a percepção que eles têm em relação à utilização da linguagem teatral para auxiliar nas atividades desenvolvidas em sala de aula.

A reflexão sobre a prática é indispensável ao educador que quer realizar um bom trabalho. Segundo Freitas,

[...] a concepção de professor como profissional “prático reflexivo” se desenvolve em oposição à concepção de professor percebido como técnico, que limita suas necessidades à aquisição de conteúdos, métodos e técnicas, numa postura meramente aplicativa e reprodutora. De outra forma, na abordagem denominada “professor reflexivo” a atividade educativa do professor é concebida como atividade complexa que nem sempre pode ser desenvolvida a partir de procedimentos previamente organizados, exigindo do professor uma postura reflexiva para criar alternativas ao ensino.<sup>87</sup>

A ação do educador, quando seguida de reflexão, apresenta efeitos muito mais satisfatórios e consistentes, uma vez que transcende a mera transmissão de conhecimento, fazendo emergir o filósofo em potencial que os educadores trazem em sua essência. Esse filósofo prático faz da sua ação seu próprio objeto analítico.

Freitas parece caminhar nesse mesmo sentido quando afirma que,

[...] assim, ao analisar, explica e busca a fundamentação teórica para sua prática, os professores constroem aprendizagens significativas acerca da sua própria prática, abandonando a postura de meros transmissores de conteúdo e assumindo uma postura construtivista, colocando-se como mediador entre o conhecimento e o aluno. Entretanto, para que ocorra a contento a mediação a ser realizada pelo professor, é necessário que o mesmo esteja sempre analisando e refletindo sobre sua prática, estudando-

---

<sup>87</sup> FREITAS, Ana Lúcia Souza de. O registro como instrumento da prática profissional do “professor reflexivo”. *Educação*, Porto Alegre, v. 23, n. 40, p. 203-222, 2000. p. 205.

a e investigando-a, para melhor compreender o processo de aprendizagem, a partir da avaliação de seu ensino.<sup>88</sup>

Para Freire, o ato de pesquisar não está dissociado do ato de lecionar. Essa ideia está explícita quando afirma: “Faz parte da natureza da prática docente a indagação, a busca, a pesquisa [...] ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago”.<sup>89</sup> Assim, distanciar-se epistemologicamente de sua prática para poder melhor desempenhar seu papel de educar aproxima a filosofia da realidade, atribuindo sentido às atividades desenvolvidas no cotidiano e refletindo sobre os seus resultados com mais profundidade.

A seguir, serão compartilhadas algumas observações e alguns relatos de educadores em sua prática, no Colégio Santo Antônio de Jesus, onde pode ser visualizada claramente a possibilidade de iniciativas bem sucedidas que aproximam arte e educação.

### **3.4 Atividades teatrais na prática cotidiana**

Através das observações e com os relatos dos educadores das turmas de Educação Infantil, foi possível visualizar que as atividades relacionadas à linguagem teatral são frequentemente utilizadas na prática cotidiana do Colégio Santo Antônio de Jesus, e que eles entendem a importância dessa iniciativa para o desenvolvimento integral das crianças.

Embora o hábito de registrar não seja muito comum entre os educadores, ele se configura como um importante instrumento de reflexão sobre a prática, além da possibilidade de compartilhar experiências bem sucedidas com colegas que podem aprender com os erros e acertos alheios e, conseqüentemente, melhorar sua prática.

Somente os(as) próprios(as) professores(as), no processo de reflexão crítica e permanente de sua prática, partindo de suas necessidades, poderão criar novas formas de registro que venham a auxiliá-los(as) no complexo exercício de estudar a própria prática.<sup>90</sup>

---

<sup>88</sup> FREITAS, 2000, p. 206-207.

<sup>89</sup> FREIRE, 1996, p. 32.

<sup>90</sup> FREITAS, 2000, p. 219.



Os relatos são registros reflexivos sobre a prática docente. Dessa forma, foram utilizados como instrumentos para ilustrar as questões discutidas nesse trabalho. O relato a seguir, por exemplo, demonstra bem o pensamento coletivo da equipe de educadores do Colégio em questão:

O fazer artístico infantil se solidifica à medida que a criança é vista como um ser diferenciado e a ela é oferecida condições de desenvolver na essência: sua vitalidade, criatividade, sensibilidade, percepção, expressividade, irreverência, espontaneidade, seu senso criativo, sua afetividade e a capacidade de interagir com outras pessoas e com o universo.

Partindo desse pressuposto utilizo o teatro como ponte de ligação entre as diversas artes, pois considero uma das mais importantes formas de expressão humana, por ser capaz de participar como elemento indispensável no desenvolvimento global da criança e conseqüentemente em todo contexto educacional, principalmente da Educação Infantil.<sup>91</sup>

O mesmo raciocínio pode ser visualizado em muitos depoimentos e relatos, o que demonstra certa coerência entre os educadores que lecionam no Colégio.

O movimento de trazer para dentro de si a realidade observada, registrada, para assim poder pensá-la, interpretá-la. Enquanto reflito sobre o que vi, que a ação do estudar extrapola o patamar anterior. Neste movimento podemos nos dar conta do que ainda não sabemos, pois iremos nos defrontar com nossas hipóteses adequadas e inadequadas e construir um planejamento do que falta observar, compreender, estudar.<sup>92</sup>

Partindo desse pressuposto, cabe aqui destacar dois comentários que reforçam a percepção que os educadores têm da importância dessa atividade artística para as crianças que trabalham:

Considero possível a utilização de atividades teatrais como mais um mecanismo no processo de formação das crianças.

Frequentemente utilizo em minha prática pedagógica com objetivos diversificados, algumas vezes para incrementar um tema que está sendo trabalhado, desenvolver o gosto pela arte e percebo que a maioria se interessa e participa ativamente.

Considero que o teatro, como outras manifestações artísticas, colabora significativamente para o desenvolvimento das habilidades do ser humano.<sup>93</sup>

Considero a linguagem artística uma das mais importantes formas de expressão humana, por ser capaz de participar como elemento indispensável no desenvolvimento global da criança e conseqüentemente de todo contexto educacional.<sup>94</sup>

<sup>91</sup> Registro de uma das educadoras da Educação Infantil.

<sup>92</sup> WEFFORT, Madalena Freire. *Observação, registro, reflexão*: instrumentos metodológicos 1. São Paulo: Espaço Pedagógico, 1996. p. 11.

<sup>93</sup> Registro de uma das educadoras da Educação Infantil.

<sup>94</sup> Registro de uma das educadoras da Educação Infantil.

Como se pode perceber, ambas as considerações demonstram que não só entendem a importância da utilização de atividades teatrais, como utilizam esse recurso na sua prática pedagógica, que, segundo sua avaliação, trazem resultados positivos à medida que proporcionam a interação e o envolvimento das crianças.

Segundo Madalena Freire, o ato de observar envolve a reflexão, a avaliação e o planejamento, pois todos se conectam no processo dialético de pensar a realidade que se está inserido.<sup>95</sup>

Em relação às atividades artísticas desenvolvidas, as quais são bastante diversificadas, há um consenso quanto aos bons resultados dos trabalhos. Isto comprova que as crianças participam com alegria e entusiasmo das tarefas e que há um esforço coletivo dos educadores no sentido de inserir o teatro no planejamento do ano letivo.

O relato que se segue demonstra bem a diversificação das atividades realizadas e o envolvimento das educadoras nesse processo de fazer arte com os estudantes no Colégio:

Dramatização, conto e reconto de histórias, coreografias, dança, história muda, fantoches, ginástica historiada são as principais atividades desenvolvidas em minha prática pedagógica. É um momento de grande valor, pois podemos mergulhar juntos no mundo da fantasia.<sup>96</sup>

É possível perceber nesse comentário que a educadora, quando se refere ao valor da experiência, utiliza a expressão “podemos mergulhar juntos”, o que é um indicativo de que é um momento especial não apenas para as crianças, ou seja, a educadora também se diverte, sorri e trabalha com prazer, o que garante uma satisfação ampla entre todos os envolvidos na atividade realizada.

Em um dos depoimentos relatados no diário de bordo da dissertação de Ponick, uma pessoa destacou: “Através do teatro podemos assumir outra postura, outra figura, incorporar um outro jeito de ser. Através disso, quando nos colocamos no lugar do outro podemos sentir mais facilmente sua dor, ou o tamanho da sua alegria”.<sup>97</sup>

---

<sup>95</sup> WEFFORT, 1996, p. 11.

<sup>96</sup> Registro de uma das educadoras da Educação Infantil.

<sup>97</sup> PONICK, 2007, p. 52.

Colocar-se no lugar do outro é muito importante para uma boa convivência entre as pessoas. Em relação às crianças, esse “jogo de troca de papéis” as faz vivenciar temporariamente a experiência do outro e sentir literalmente os efeitos de certos comportamentos, sendo uma oportunidade de se perguntar em situações cotidianas: Se fosse comigo eu gostaria? Assim, passam progressivamente a refletir sobre sua conduta na sala de aula e na própria convivência social com a família e com a sociedade da qual fazem parte.

Ao trabalhar com representações teatrais de histórias, é importante compreender que,

[...] a partir da Semiótica, sabe-se que o sentir não é algo objetivo e palpável que está no texto em estado puro, de modo que o exegeta pudesse encontrá-lo com sua habilidade técnica e com seus recursos históricos e filosóficos. Sabe-se que o sentido de um texto não coincide exatamente com a intenção do seu autor e que o leitor atual não repete simplesmente a leitura que foi feita pelos primeiros destinatários. Isto seria a redução do processo hermenêutico a um historicismo exegetico e resultaria num atrofiamento da mensagem. Toda leitura ou narração é produção de um discurso e de um sentido, a partir de um texto. O texto se faz polissêmico, oportunizando uma produção inesgotável de sentido e uma recriação constante da mensagem.<sup>98</sup>

Interpretar textos é algo subjetivo porque está ligado ao contexto e a experiências do leitor. Dessa forma, o autor defende que um texto se faz polissêmico porque oportuniza uma produção inesgotável de sentido e uma recriação constante da mensagem que podem variar conforme o perfil e a historicidade de cada leitor.

Relacionando isso ao teatro, a reflexão e a reelaboração da história a ser teatralizada podem ser estimuladas pelos educadores, para inserir uma roupagem que tenha sentido para o grupo e que proporcione uma análise crítica da situação.

Ao descrever uma certa atividade, uma das educadoras do Colégio retrata um pouco dos efeitos da experiência lúdica no universo infantil, na reflexão das próprias atitudes, na reelaboração da história contada ou encenada e na construção das escalas de valores entre os membros que compõem o universo da sala de aula. Com as palavras da educadora:

Certa vez após contar a história dos três porquinhos dividi a turma em três grupos aos quais solicitei que construíssem suas devidas casas e fui recontando com eles a história fazendo parte do conto e dos

---

<sup>98</sup> KLEIN, 1996, p. 69.

acontecimentos. Foi surpreendente a forma que eles mudaram o final do conto, fazendo o lobo mau pedir desculpas e ir embora daquele lugar envergonhado com o que fez.<sup>99</sup>

Nesse comentário, fica evidente que, ao ouvir uma história, as crianças fazem reflexões a respeito e tiram conclusões que nem sempre coincidem com o final da história contada, além de relacionar a situações do seu cotidiano e do próprio contexto social em que estão inseridas. No relato acima, a liberdade que foi dada às crianças, de pensar e recontar a história, demonstrou que essas atividades são mais profundas do que geralmente se imagina e mexem com as estruturas internas.

A seguir, é possível visualizar o grau de envolvimento das crianças nas experiências que também podem proporcionar a aprendizagem dos conteúdos de uma forma mais lúdica, dinâmica e prazerosa. Sem dúvida, essas iniciativas trazem efeitos mais positivos que a simples transmissão de conhecimento que, por sua vez, já não consegue mais dar conta dos novos desafios que apresentam as escolas contemporâneas.

Considero o teatro uma das formas de aprendizagem mais valiosas, já que a criança presencia aquilo que é trabalhado.

Sempre costumo inventar e dramatizar histórias para os meus alunos, sejam elas relacionadas a quaisquer áreas do conhecimento. Ao trabalhar adição, por exemplo, inventei uma história que dizia o seguinte: “fui ao orfanato doar bonecas às crianças carentes. Um dia doei X e no dia seguinte doei Y”. À medida que eu contava a história e apresentava as ‘crianças carentes’, eu escolhia os próprios alunos, mudando o nome deles para nomes diferentes e engraçados. Foi um momento que eles se divertiram muito.

Ao terminar a história e perguntar acerca da quantidade total de bonecas, eles não só sabiam a exata quantidade, como lembraram o nome de cada uma das meninas (coisa que nem eu que inventei esses nomes, lembrava!). Me surpreendi com o desempenho da turma.<sup>100</sup>

Entre os educadores, nota-se um certo consenso no que se refere aos benefícios da aproximação entre educação e arte. A esse respeito, vale destacar o relato abaixo:

Trabalho com Educação Infantil há 12 anos, há seis no CSAJ e procuro introduzir no conteúdo programático atividades diversificadas que oportunizam às crianças um aprendizado mais dinâmico e creio que mais marcante.

---

<sup>99</sup> Registro de uma das educadoras da Educação Infantil.

<sup>100</sup> Registro de uma das educadoras da Educação Infantil.

Crianças que se descobrem, que se revelam, que madurecem no simples ato de dançar ou imitar personagens se desenvolvem, ampliam vocabulário, superam barreiras e a timidez enfim sentem-se capazes, importantes e queridas por todos.<sup>101</sup>

A Educação Infantil oferecida no Colégio Santo Antônio de Jesus é, sem dúvida, um bom exemplo de utilização da linguagem teatral como instrumento pedagógico para o desenvolvimento intelectual, moral e pessoal das crianças que encontram nas atividades desenvolvidas na sala de aula um espaço privilegiado para o seu pleno desenvolvimento.

O corpo docente e a equipe de coordenadores valorizam as atividades lúdicas, incluem o teatro nos planejamentos mensais e/ou semestrais e procuram tornar o ambiente escolar agradável, de modo que as crianças sintam prazer em frequentar e se aproximar gradativamente do saber acumulado pela humanidade ao longo da história.

---

<sup>101</sup> Registro de uma das educadoras da Educação Infantil.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Participando de um grupo de teatro, percebe-se empiricamente o quanto é possível contribuir para a socialização de pessoas e despertar de potencialidades fundamentais ao desenvolvimento pleno do ser humano.

Embora a linguagem teatral não encontre espaço nas escolas tradicionais, a pesquisa e as observações realizadas no Colégio Santo Antônio de Jesus, juntamente com os relatos dos professores das turmas de Educação Infantil, serviram para demonstrar a possibilidade de agregar às atividades escolares trabalhos de natureza lúdica com o teatro.

Ao longo do trabalho foram demonstrados os benefícios que o teatro pode proporcionar às crianças e aos jovens, demonstração essa bem ilustrada com uma experiência de um Colégio que incorporou a linguagem teatral à sua prática educativa e que poderá servir de referência para outras instituições, inclusive em escolas da rede pública de ensino.

O trabalho pedagógico dos educadores associado às pequenas dramatizações feitas no cotidiano das crianças pode comprovar a sua eficácia quando, em uma reunião, os pais demonstraram interesse em montar um grupo para encenar uma peça teatral surpresa que seria apresentada a seus filhos, durante os festejos do mês da criança. A princípio, professores e coordenadores ficaram surpresos com a iniciativa, mas logo acataram a ideia e mantiveram sigilo até que fosse posta em prática.

Tal proposta só reafirma aquilo que já se fazia notório dentro da instituição: o quanto as representações teatrais marcavam a vida daquelas crianças, tanto pelo encantamento de assistir às peças apresentadas pelos arte-educadores, quanto em poder participar diretamente, representando personagens dos contos infantis já existentes ou até mesmo das produções criadas em sala de aula. Percebe-se o aprendizado no ato de ouvir e falar, o avanço no desenvolvimento da oralidade, bem como do trabalho corporal, além do entusiasmo em interpretar por parte as crianças. Recentemente, foi criado o Grupo de Teatro de Pais. Foi encantador proporcionar tal experiência para os alunos da Educação Infantil, vê-los assistirem a uma peça na qual os papéis haviam sido invertidos, ou seja, dessa vez eles eram quem, ao final do espetáculo, receberiam seus pais no palco. Tudo isso associado ao fato de poder

observar na apresentação de estreia do grupo o quanto pais e filhos cresceram e desenvolveram habilidades físicas, intelectuais e emocionais através da linguagem teatral.

Dessa forma, fica clara a relevância da utilização da linguagem artística, bem como da ludicidade no desenvolvimento humano. Assim, por meio da música, dos jogos, das brincadeiras e das representações, o ambiente escolar passará a ser mais encantador e prazeroso. Baseado nos resultados apresentados ao longo da pesquisa e nas observações, recomenda-se o que segue.

#### *Em relação ao teatro*

- Inserir como instrumento integrador e socializador do conhecimento;
- Não se restringir apenas a encenações muito elaboradas;
- Proporcionar o contato direto de crianças e jovens com essa linguagem artística.

#### *Em relação às crianças*

- Não serem avaliadas pela lógica dos adultos;
- Participarem ativa e diretamente do processo de aprendizagem;
- Estimular, precocemente, a pensarem o mundo que as cerca para assim agirem como protagonistas de sua história;
- Encorajar a buscarem respostas para suas indagações.

#### *Em relação à Escola e à educação*

- Trabalhar as múltiplas inteligências e não privilegiar alguma específica;
- Proporcionar condições para o desenvolvimento integral dos estudantes;
- Assumir uma posição democrática, estimulando a participação dos envolvidos no processo de aprendizagem, de modo que as crianças encontrem espaço para interagir, opinar e participar ativamente;
- Estar em sintonia com a sociedade, a família e a comunidade para encontrar alternativas para melhor educar;
- Incorporar à sua prática atividades que aproximem as crianças das artes;
- Desenvolver projetos que dinamizem o espaço escolar, transcendendo a mera transmissão de conhecimento.

#### *Em relação à prática do Colégio Santo Antonio de Jesus*

- Continuar estimulando o processo de construção do conhecimento através das artes;

- Buscar a cada dia aproximar os pais de atividades lúdicas realizadas, para que percebam gradativamente a importância do ensino heurístico para a formação cidadã;
- Divulgar os resultados obtidos nas atividades desenvolvidas nas turmas de Educação Infantil através da linguagem teatral;
- Ampliar o trabalho desenvolvido com o teatro para outras séries;
- Apresentar à comunidade os trabalhos realizados na escola, uma vez que a cidade de Santo Antônio de Jesus é carente de iniciativas dessa natureza.

Assim, é nosso desejo que os resultados dessa pesquisa possam provocar discussões em torno dessas questões e proporcionar aos interessados um material a ser lido e aproveitado, servindo, dessa forma, de estímulo para novas iniciativas. Isso porque é necessário e possível estabelecer um elo entre linguagem teatral e a educação.

Considerando os estudantes protagonistas em potencial, as escolas poderão realizar um planejamento que atenda às demandas dos educandos, promovendo um encontro deles consigo mesmos, com seus medos, frustrações, traumas, anseios e desejos mais profundos, de modo que tenham a possibilidade de se descobrirem, melhorarem sua auto-estima e, finalmente, se realizarem enquanto seres humanos.

Como se pode perceber, muitos são os desafios que se apresentam à educação na sociedade contemporânea. Entretanto, essa complexidade, por sua vez, é o que deve provocar e mobilizar os trabalhadores da educação a encontrarem caminhos alternativos e próprios para melhor atender os estudantes.

Estreitar os laços entre teatro e educação é uma alternativa promissora. No entanto, requer compromisso e ousadia para romper com o modelo conteudista que limita o potencial humano de descobrir, criar, recriar e aprender, à medida que tenta enquadrar e homogeneizar as turmas para se encaixarem nos padrões estabelecidos pelo sistema que, por sua vez, atende apenas a interesses de uma minoria privilegiada.



## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Paulo Nunes de. *Dinâmica lúdica: técnicas e jogos pedagógicos*. São Leopoldo: Loyola, 1974.
- ALMEIDA, Plutarco. *O teatro na vida e a vida no teatro*. 3. ed. São Paulo: CCJ, 1995.
- ALVES, Rubem. *A alegria de ensinar*. 7. ed. Campinas: Papyrus, 2000.
- ARIÈS, Philippe. *História social da criança e da família*. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.
- ASSMANN, Hugo. *Reencantar a educação: rumo à sociedade aprendente*. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.
- BELINKI, Tatiana; GOUVEIA, Júlio. Teatro para crianças e adolescentes: a experiência no TESP. In: BELINKI, Tatiana et al. *A produção cultural para criança*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982.
- BIDDULPH, Steve. *Criando meninos: porque os meninos são diferentes?* São Paulo: Fundamento Educacional, 2002.
- BOFF, Leonardo. *Saber cuidar: ética do humano: compaixão pela terra*. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.
- BOSSA, Nádia A.; OLIVEIRA, Vera Barros de (Orgs.) *Avaliação psicopedagógica da criança de zero a seis anos*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais*. v. 6: Arte. Brasília: MEC/SEF, 1997.
- BUCHER, Aton. Crianças como sujeito. *Concilium*, Petrópolis, n. 2, 1996.
- CARDOSO, Roseane. Para ver e atuar: teatro para crianças e adolescentes. *Signos*, Lajeado, ano 20, n. 1, 1999.
- CATÃO, Francisco. A religião e o rito. *Diálogo: Mitos e celebrações no contexto da vida*, ano 5, n. 18, maio 2000.
- COELHO, Maria Josefina Rodrigues; SANTOS, Manoel de Souza. *Comunidade criativa: fazer brincando*. São Paulo: Paulinas, 1988.

COSTA, Maria da Fátima Vasconcelos. Jogo simbólico, discurso e escola: uma leitura dialógica do lúdico. CRUZ, Sílvia Helena Vieira; PETRALANDA, Mônica (Orgs.). *Linguagem e educação da criança*. Fortaleza: UFC, 2004.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

FERREIRA, J. R.; BITTAR, M. Pluralidade Lingüística, escola de bê-á-bá e o teatro jesuítico na Brasil do séc. XVI. *Educação e sociedade*, São Paulo, v. 25, n. 86, abr. 2004.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREITAS, Ana Lúcia Souza de. O registro como instrumento da prática profissional do “professor reflexivo”. *Educação*, Porto Alegre, v. 23, n. 40, p. 203-222, 2000.

GADOTTI, Moacir. *Boniteza de um sonho: ensinar-e-aprender com sentido*. Novo Hamburgo: Feevale, 2003.

HORN, Maria da Graça Souza. A construção do espaço e as diferentes linguagens. In. REDIN, Euclides; REDIN, Marita Martins; MULLER, Fernanda (Orgs.). *Infâncias: cidades e escolas amigas das crianças*. Porto Alegre: Mediação, 2007.

JAPIASSU, R. *Metodologia do ensino do teatro*. 2. ed. Campinas: Papirus, 2003.

KLEIN, Remí. *A narração de históricas bíblicas na perspectiva da criança: fundamentos e modelos narrativos*. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Programa de Pós-Graduação em Teologia, Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 1996.

\_\_\_\_\_. Criança. In: BORTOLLETO FILHO, Fernando; SOUZA, José Carlos de; KILPP, Nelson (Orgs.). *Dicionário Brasileiro de Teologia*. São Paulo: ASTE, 2008.

LABAM, Rudolf. *Domínio do movimento*. São Paulo: Summus, 1978.

LARROSA, Jorge. *Linguagem e educação depois de Babel*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

LOPES, T. Luz, arte, ciência... ação! *Hist. Ciência saúde: Manguitos*, Rio de Janeiro, v. 12, 2005.

METTE, Norbert. Aprendendo a viver e aprendendo a crer com as crianças. *Concilium*, Petrópolis, n. 2, 1996.

MORIN, Edgard. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 2000.

OAKLANDER, Violet. *Descobrendo crianças: a abordagem gestáltica com crianças e adolescentes*. São Paulo: Summus, 1980.

PEUKERT, Úrsula. Solidariedade intergeracional. *Concilium*, Petrópolis, n. 2, 1996.

PONICK, Edson. *Experiências formativas: contribuições da Semana de Criatividade para a formação de educadores*. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Programa de Pós-Graduação em Teologia, Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 2007.

PORTINHO, Márcia. *Despertar para desenvolver: a relação entre o desenvolvimento psicomotor da criança de 0 a 6 anos e a aprendizagem*. Lauro de Freitas: Envelope & Cia, 2000.

PORTO, Bernadete de Souza; CRUZ, Sílvia Helena Vieira. Uma pirueta, duas piruetas... Bravo! Bravo! A importância do brinquedo na educação das crianças e de seus professores. In: CRUZ, Sílvia Vieira; PETRALANDA, Mônica (Orgs.). *Linguagem e educação da criança*. Fortaleza: UFC, 2004.

REVERBEL, OLGA. *Teatro na sala de aula*. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1979.

SANDES, André B. *Cada dia sua magia*. Santo Antônio de Jesus: União, 2008.

\_\_\_\_\_. *Semeando com sabedoria: o futuro depende de nós*. Santo Antônio de Jesus: Artset, 2009.

SANDES, Avani B. *Contos de fadas: olhar psicopedagógico sobre o encaminhamento de soluções dos conflitos internos da criança*. Monografia (Conclusão de Curso) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2001.

TAILLE, Yves de La; OLIVEIRA, Marta Kohl de; DANTAS, Heloysa. *Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão*. São Paulo: Summus, 1992.

TATIGIBA, Maria Carmem. *Vivendo e aprendendo com grupos: uma metodologia construtivista de dinâmica de grupo*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

WEFFORT, Madalena Freire. *Observação, registro, reflexão: instrumentos metodológicos 1*. São Paulo: Espaço Pedagógico, 1996.

WITT, Maria Dirlane. Esperança e solidariedade: a educação em tempos de globalização. In: SCHULTZ, Valdemar (Org.). *Esperança e solidariedade: propostas educacionais na atuação de Jesus*. São Leopoldo: DEC, 2004.